



ISPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

A Vénus das Peles: Um olhar psicanalítico sobre o masoquismo

Mafalda Margarida Basto Sampaio

ORIENTADOR DE DISSERTAÇÃO:

PROF. DR. LUÍS DELGADO

ORIENTADOR DE SEMINÁRIO DE DISSERTAÇÃO:

PROF. DR. LUÍS DELGADO

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade Em Psicologia Clínica

2014

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Professor Doutor Luís Manuel Romano Delgado, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Clínica conforme o despacho de DGES, nº 19673/2006 publicado em Diário da República, 2ª série de Setembro de 2006.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Luís Delgado por toda a disponibilidade, confiança, apoio, orientação e partilha de conhecimentos.

A todos os colegas de seminário e do ISPA pela partilha, amizade, companheirismo e entreaajuda.

Á minha família, pela educação, valores, carinho e apoio constante.

A todos os meus amigos pela presença, força, amizade, dedicação e companhia em todos os momentos.

Á minha namorada pelo carinho, apoio e compreensão.

Á literatura e á psicanálise.

RESUMO

O presente trabalho aborda a obra literária *A Vénus das Peles* de Leopold Sacher-Masoch. Trata-se de uma narrativa que tem como objetivo entrelaçar a teoria psicanalítica com algumas das principais temáticas presentes na obra estudada.

O trabalho proposto encontra-se composto por duas partes. Na primeira parte, poder-se-á verificar uma introdução aos temas abordados, seguida de uma reflexão sobre a relevância da arte, particularmente da literatura, em comunhão com a psicanálise e, posteriormente, algumas considerações teóricas sobre a perversão e o masoquismo, à luz dos constructos psicanalíticos, ao longo dos tempos.

A segunda parte, refere-se à apresentação da obra *A Vénus das Peles* bem como do seu criador, Leopold Sacher-Masoch. De seguida, dizendo respeito à parte mais multidimensional do trabalho realizado, dar-se-á a exploração de alguns dos pontos que consideramos como centrais na obra, com o apoio da revisão teórica e da reflexão subjetiva sobre a mesma, proporcionando forma ao sentir e ao deambular intrapsíquico.

Confirmamos, em última análise, que as suspeitas criadas em torno da vida e obra de Sacher-Masoch, possuem fundamento, na medida em que as teorias formuladas sobre o seu funcionamento, predominantemente masoquista, se impõem.

Palavras-chave: Literatura, psicanálise, perversão, masoquismo.

ABSTRACT

The following essay addresses the literary work written by the Austrian author Leopold von Sacher-Masoch: '*Venus in Furs*'. This essay at its core has the goal to reconcile the psychoanalytic theory with some of the main themes broached in Sacher-Masoch's book.

The essay is composed by two segments. The first segment is characterized by an introduction to the broached themes followed by a reflexion upon the relevance of the artistic medium, in particular the literary medium in communion with psychoanalysis, this will be followed by some theoretical conjectures about perversion and masochism in connection with the psychoanalytic constructs throughout the times.

The second segment pertains to the author Leopold von Sacher-Masoch and his literary work '*Venus in Furs*'. This segment explores the multidimensional side of this essay, a great deal of focus will be given to the points considered to be the most relevant in Sacher-Masoch's book. This will be supported by a theoretical revision and subjective reflexion upon the literary piece thus allowing the intrapsychic feel and exploration to take shape.

Ultimately we are able to ascertain that the suspicions created around the life and work of Sacher-Masoch are founded. The grounds for such a statement can be found in the theories formulated with basis on his psyche, which undeniably was predominantly masochistic.

Key words: Literature, psychoanalysis, perversion, masochism.

Índice

Agradecimentos.....	ii
Resumo.....	iii
Abstract.....	iv
PRIMEIRA PARTE	1
Introdução.....	2
Criatividade, literatura e Psicanálise	5
Considerações sobre a perversão.....	8
Considerações sobre o masoquismo.....	18
SEGUNDA PARTE	28
Sacher-Masoch: Notas biográficas	29
A Obra: A Vénus das Peles	32
O sonho e a reparação em Masoch.....	37
Partindo do berço.....	40
Mulheres em <i>Vison</i>	44
O contrato.....	48
Uma sexualidade parcial.....	53
O terceiro. O Grego. A sabotagem.....	57
Conclusões.....	60
Referências	63

PRIMEIRA PARTE

Introdução

Os objetivos que deram asas à criação da vontade em explorar as temáticas incluídas neste trabalho revelam-se como genericamente diversos e, simultaneamente, singulares e íntimos, únicos na sua essência.

A arte e o pensamento analítico encontram-se desde sempre simultaneamente unidos e separados por questões tão complexas como aquelas que se associam à sexualidade e com tudo aquilo que diz respeito ao que formula e direciona as relações intra e inter humanas. A arte é, segundo Freud, uma forma, de entre várias, expressão de conflitos e fantasias do autor. Para o pioneiro psicanalista austríaco, a criação artística assume-se como um meio para atenuar desejos não satisfeitos, em que o artista representa pela simbolização e sublimação, os seus conflitos e fantasias, diminuído a sua carga mais perturbadora.

Neste trabalho, pareceu-nos essencial elaborar uma revisão daquilo que já foi pensado e articulado relativamente aos caminhos misteriosos da sexualidade humana, focando um campo tão vasto e curioso como o é aquele que, genericamente, consideramos como *perverso*. Pretendemos aqui conjugar conceitos e pensamentos de vários autores que se propuseram a este risco e, se dignificaram por tal, com aquilo que nos trouxe Leopold Sacher-Masoch de implacavelmente interessante e oportuno na sua obra e na sua vida.

Leopold von Sacher-Masoch (1836-1895), um aclamado escritor nascido no Império Austro-Húngaro, publicara em 1870 a importantíssima obra: *A Vénus das Peles*. A história que o romance nos dá conta, relata uma relação construída na exuberância, no erotismo, na entrega, na posse, na submissão e nos limites confusos daquela que é a relação entre os protagonistas, Wanda e Severin. A vida do escritor romântico alemão tornou-se também conhecida por razões que vão de encontro às questões referidas relativamente à sua obra. Percebemos existir grande similaridade entre ambas, permitindo que o leitor ou um observador atento sinta a fusão existente entre a história narrada e a narrativa da sua existência, particularmente, no que diz respeito à sua dimensão masoquista.

Neste sentido, no presente trabalho, constroem-se pontes que visam unir o sonho, a literatura, a reparação, a criatividade, a personalidade, a perturbação e a

vivência de e em Sacher-Masoch. Escolhemos para tal, abordar temas como a infância, o feminino, a sexualidade, entre outras questões. Partindo da exploração de momentos da obra e de acontecimentos da vida do autor, embarcamos assim para uma viagem que visa o conhecimento do seu caráter.

“Nós leigos, sempre desejamos imenso saber aonde vai essa personagem notável, o escritor, buscar a sua matéria literária (...) e de que modo, através dela, consegue cativar-nos, suscitando em nós emoções de que nunca nos supusemos capazes” (Freud, 1908, p.50).

Criatividade, literatura e Psicanálise

Em “*O interesse científico da psicanálise*” (cit. por Pinto, 2006, p.45), Freud refere a arte como uma atividade cujo objetivo é o apaziguamento de desejos não gratificados, pelo artista, em primeiro lugar, e pelos leitores ou espectadores, depois. “O objetivo primário do artista é libertar-se e, através da comunicação da sua obra a outras pessoas que sofram dos mesmos desejos reprimidos, oferecer-lhes a mesma libertação” (Freud, 2013, p.167-191, cit. por Pinto, 2006 p.45). Conforme interpreta Pinto (2006), a obra de arte pode ligar criador e leitor, os mecanismos e processos inconscientes de compreensão e recepção daquele que acede à obra permitir-lhe-iam interpretar as mensagens também inconscientes impressas no texto do autor. Assim, a obra é lida não apenas no sentido do texto criativo mas no mais amplo que a leitura pode ter.

A arte literária parece conter aspetos de lembranças de afetos visuais e auditivos. O conteúdo visual é referente ao aspeto formal da construção das frases, enquanto que o auditivo diz respeito à sonoridade agradável das palavras. Não basta apenas nos restringirmos à expressão de afetos, mas também temos de ter em consideração o prazer estético para que um trabalho tenha o estatuto de obra de arte, pois os artistas têm de ter em conta a aprovação por parte das outras pessoas (Andrade, 1997). Segundo M’Uzan (cit. por Delgado, 2011), o criador, dotado de um psiquismo frequentemente extravasado pelo excesso de força pulsional, é conduzido a voltar-se para os outros, diante dos quais descreve a sua situação interior e encontra aí a confirmação da sua existência.

A criatividade pode tomar múltiplas formas e expressar-se, também, de diferentes maneiras e isto deve-se, pelo menos parcialmente, às combinações entre tipos de inteligência, de personalidade e de estilo, que são praticamente infinitas. A criatividade humana exige um percurso que vai desde os fenómenos psíquicos até ao próprio ato de criar. Inicialmente, o artista começa por organizar e construir o seu mundo interno para mais tarde construí-lo simbolicamente (Mancia, 1999).

O ser humano não se restringe ao princípio da realidade, tentando sempre retirar da sua experiência humana algum prazer, na medida em que, quando o perde, tenta sempre recuperá-lo de alguma forma (Freud, cit. por Andrade, 1997). Foi na tentativa de

elaborar a perda da onipotência do narcisismo primário, onde o prazer é desmedido, e o contacto com a frustração que Freud atribuiu a origem da criatividade (1911, citado por Andrade, 1997). Enquanto que o pensamento e o princípio da realidade se processam, o princípio do prazer procura a sua satisfação por meio da fantasia. A fantasia sustém dentro de si, características da alucinação como do pensamento, e permite a realização de um desejo consoante a realidade, sendo um fator decisivo para o equilíbrio psíquico. Assim, poderemos dizer que a fantasia é a síntese dos dois modos de funcionamento mental, do prazer e da realidade, e procura aliviar sofrimentos resultantes de desejos não realizados. Tanto pode estar ao serviço do pensamento próprio do princípio da realidade, como pode ser o refúgio da mente sadia diante de uma realidade insuportável (Andrade, 1997).

Existem autores que privilegiam descrições que enfatizam o conflito, a resistência e os níveis edipianos, outros consideram que as áreas indiferenciadas, fusionais da experiência do self desempenham um papel preponderante na criatividade. Outros, ainda, foram levados a investigar como esses diferentes níveis interagem entre si (Amati-Mehler, 1997). Relativamente à criatividade artística parecemos estar, essencialmente, perante duas correntes principais de pensamento, uma de desejos e fantasias derivadas da área do conflito pulsional e outra referente a uma área mais primitiva, indiferenciada, da organização psíquica, regida por um funcionamento onipotente, fusional e mágico (Amati-Mehler, 1997). Para a autora, a criatividade artística consiste numa interação dinâmica progressiva e regressiva entre processos primários e secundários. Também Martins (1996), partindo de um ponto de vista psicanalítico considera que para entendermos a natureza profunda da imaginação criadora é necessário analisar o psiquismo inconsciente, pois a criatividade tem a sua origem no mundo das fantasias inconscientes. Ligada à dinâmica da faculdade criadora encontram-se diversos processos psicológicos, influentes tanto no pensamento científico quanto na criação artística (Martins, 1996). Entre esses processos psicológicos sobressaem os de nível pré-consciente. Como forma de fundamentação da motivação inconsciente na criação artística.

Há uma longa tradição de estudos entre a psicanálise e a literatura, sob diferentes óticas, surge o momento em que a discussão as congrega em um só objetivo, o de decifrar a linguagem íntima dos objetos. Assim como a psicanálise, a literatura, trata

dos tabus sociais e, também, do que é censurado pelos vetores ordinários de comunicação. Portanto, associadas, as duas são forças que tratam das urgências humanas. A teoria, por mais rigorosa que seja, tem um parentesco com a ficção, ambas são abstrações que têm em comum a palavra e a apropriação da linguagem como meios expressivos de criar discursos e de estruturar realidades (Ferraz, 2009).

A psicanálise e a literatura são mutualmente usadas, num sentido saudável, desde sempre e sempre que possível. Na cultura francesa, o movimento surrealista possuiu grande contributo para a introdução da psicanálise na mesma. O método da associação livre tem uma influência decisiva na “palavra em liberdade” dos futuristas, na escrita automática dos surrealistas, no método paranoico-crítico de Salvador Dali, ou mesmo na constituição do monólogo interior fundamental na obra de James Joyce. Produzir-se este encontro, é também pensar a presença da literatura na experiência analítica. Qualquer exercício de aproximação entre literatura e psicanálise deverá ser acompanhado de um esforço de atualização, tanto em relação ao que apresenta como desafio para a literatura, quanto ao que se coloca como questão crucial para a prática analítica no mundo contemporâneo (Mandil, 2005).

Barthes (cit. por Fonseca, 2013) lança uma questão em *O Rumor da Língua*, o que há de desejo na literatura? Respondendo, o autor refere que o desejo está presente junto ao seu objeto, ler, através do erotismo encontrado nas palavras. O leitor fecha-se para ler, faz da leitura um estado absolutamente separado, clandestino, onde o mundo é abolido, comparado ao que acontece com o sujeito amoroso e no sujeito místico que idealiza o paraíso. Na leitura, todas as emoções do corpo estão presentes no sujeito leitor. Além do efeito ou objetivo de erudição que a leitura provoca, podemos dizer que no ato de ler, o leitor se trata como um verdadeiro personagem que capta uma multiplicidade de sentidos tão vasta que a literatura se torna o lugar onde a estrutura se descontrola.

Considerações sobre a perversão

O conceito de perversão é pouco claro perante a maioria dos autores e por vezes, até contraditório e confuso. No entanto, muitas elaborações teóricas se manifestaram como superiormente importantes para o entendimento desta questão, no que diz respeito às relações objetais, ao desenvolvimento, ao caráter e ao comportamento. Começaremos por um impulso muito importante de Freud, em 1905, onde revela importantes descobertas sobre a sexualidade, descobertas estas que marcaram e permitiram um desdobramento relativo ao entendimento do funcionamento perverso.

Em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/1972), Freud descreve o fenómeno de perversão, sob a rubrica das “aberrações” e da “inversão” sexual. A formação de uma perversão resultaria de uma fixação infantil num estágio pré-genital da organização libidinal. Na criança, um ser perverso-polimorfo por excelência, as diversas correntes da sexualidade pré-genital coexistem sem um eixo ordenador que as aglutine e subordine em torno de si. Na sexualidade “normal”, essa operação seria feita, na puberdade, pela corrente genital da libido. Posteriormente, todas as formas pré-genitais da sexualidade seriam dominadas pela corrente principal, e os atos delas decorrentes se tornariam acessórios ou preparatórios para o coito normal, isto é, genital. Com Freud, percebemos que o perverso seria tudo aquilo que o neurótico almeja ser mas não encontra permissão para tal. A perversão seria, muito brevemente, a manutenção da sexualidade infantil perverso-polimorfa na vida adulta. O que diferencia a sexualidade infantil daquela do perverso é o fato de que, na criança, tudo ainda é potencialidade. No adulto perverso, a sexualidade está definida e cristalizada, um eixo pré-genital preside na vida sexual.

Posteriormente, em *Fetichismo* (1927/1996), Freud descreve o fetiche como um substituto do pénis na mulher, mais especificamente da mãe, em que o menino acreditou existir na sua infância, ideia que não deseja abandonar. O autor produz uma explicação para este fenómeno que se baseia na crença existente na criança de que se a mulher tinha sido castrada, a sua própria posse de pénis estaria em perigo. Estabelece-se uma união para manter a rejeição, no conflito entre o peso da percepção desagradável e a força do seu contradesejo, um compromisso estabelecido pelo processo primário. Desta forma, o substituto fetichista, herda o interesse anteriormente dirigido ao seu predecessor, havendo uma aversão aos órgãos genitais femininos reais. Este

comportamento, salva o fetichista da homossexualidade dotando as mulheres de características que as torna toleráveis como objetos sexuais. Freud (1927/1996) explica como isto ocorre, a última impressão antes da estranha e traumática visão seria retida e estabelecida como fetiche. Desse modo, diante de uma percepção chocante que adverte o menino de que a sua onnipotência corre risco, ocorre o mecanismo da *recusa*. Desta forma, a percepção é mantida, mas a afirmação inconsciente de que o pênis continua a existir faz com que a representação deste se desloque para um outro objeto, o fetiche. O fetiche significa, portanto, o triunfo sobre a ameaça da castração e permanece, na vida sexual do sujeito, cumprindo o papel de protetor contra a mesma. Torna-se condição imprescindível ao orgasmo e recebe a carga de valorização antes orientada ao genital. Daí o alto grau da idealização de que ele é objeto.

“Antes de utilizarmos o nosso conhecimento das perversões, para nos atirmos novamente ao estudo da sexualidade infantil, devo chamar a atenção dos senhores para uma importante diferença entre elas. A sexualidade pervertida é, via de regra, muito bem centrada: todas as suas ações se dirigem para um fim – geralmente um único fim: uma das pulsões componentes assumiu a predominância, e, ou é a única pulsão observável, ou submeteu as outras a seus propósitos. Nesse aspecto, não há diferença alguma entre sexualidade pervertida e normal, a não ser o fato de que suas pulsões componentes dominantes e, conseqüentemente, seus fins sexuais, são diferentes. Em ambas, pode-se dizer, estabeleceu-se uma bem organizada tirania, mas, em cada uma das duas, uma família diferente tomou as rédeas do poder. À sexualidade infantil, por outro lado, falando genericamente, falta essa centralização, as suas pulsões e componentes separadas possuem iguais direitos, cada uma das quais seguindo seus próprios rumos na busca do prazer. Naturalmente, tanto a ausência como a presença de centralização harmonizam-se bem com o fato de que tanto a sexualidade pervertida como a normal surgiram da sexualidade infantil” (Freud em *O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais*, 1980).

Segundo Laplanche e Pontalis, (cit. por Kernberg, 1989) a perversão é tida como um desvio do ato sexual “normal”, sendo este último definido como sendo o coito com uma pessoa do sexo oposto, dirigindo à consecução do orgasmo mediante a penetração genital. Diz-se haver perversão, onde o orgasmo é alcançado com outros objetos sexuais (homossexualidade, pedofilia, zoofilia, etc), ou através de outras regiões do corpo, onde o orgasmo se encontra totalmente subordinado a certas condições extrínsecas, que podem mesmo ser suficientes, em si mesmas, para ocasionar prazer sexual (fetichismo, travestismo, voyerismo, exibicionismo e sadomasoquismo). Num sentido mais abrangente, “perversão” tem a conotação da totalidade do comportamento psicosexual que acompanha tais meios atípicos de se obter prazer sexual.

Alvim (1983), discorda da ideia de que a obtenção de satisfação de maneira diversa da habitualmente consagrada no grupo ou civilização onde vivem pode ser considerado como perversão, referindo que este conceito se encontra sobrecarregado de ideias normalistas e moralizantes. Exemplifica com o exemplo da homossexualidade que, acredita ser apenas uma das alternativas da solução edipiana. Neste contexto, o autor revela considerar a perversão como uma falência completa da organização edipiana. Alvim (1983), considera que as perversões se encontram associadas a uma perturbação da imagem corporal, constatáveis em determinadas lesões cerebrais, fenómenos histéricos mas também a certas formas de fetichismo e masoquismo erógeno. Neste sentido, a formação perversa estaria fora do Eu corporal e funcionava como um objeto parcial (moção parcial) pertencente topicamente à economia e ao dinamismo do Superego, que se encontraria clivado e mal estruturado. Presume-se a presença de uma clivagem entre as funções do ego e as do superego, sendo que este último será tratado como se fosse o Id. Como descrito, certas moções pulsionais não serão integradas no Ego, não obedecendo ao princípio da realidade, terão como destino terem que ser evacuadas sob a forma de acting-out, esta característica é tida como essencial em toda a organização perversa. Considerando que a simbolização não é feita corretamente, permite situações onde o desejo se encontra deturpado e, possivelmente, fragmentado.

Para Coimbra de Matos (1983), a perversão trata-se de uma psicose privada, apenas manifesta no sector sombra, sendo que o resto da pessoa funciona em obediência com o princípio da realidade. É algo que se manifesta na intimidade e singularidade de certas relações privilegiadas que são mantidas com objetos reais ou imaginários. A perversão aparece como uma defesa contra a relação genital (no sentido físico) temida pela deformação projetiva do objeto (castrado/castrante ou perfurado/perfurante). O conflito nuclear é o conflito edipiano, perante ele, o perverso ergue a defesa contra o desejo ou desvia o olhar que o refere, ficando fixado numa “libidinização” maciça da defesa regressiva. Para o autor, o que caracteriza a perversão relativamente ao rendimento funcional e obtenção de prazer, é a descarga libidinal que comporta, afirmando não existir verdadeiro acto perverso sem orgasmo. Relativamente ao seu funcionamento, o perverso impõe à realidade os seus impulsos parciais e imaturos através de lacunas do Super-Eu (buracos pelos quais passam determinados impulsos), criadas por certas imaturidades pulsionais dos pais e sectores permissivos do seu Super-

Eu, que permitem veicular até ao filho o correspondente apelo à fixação pré-genital e à passagem ao ato. Em relação à patologia do Super-Eu, este encontra-se atravessado por túneis. Segundo Coimbra de Matos (1983), a consciência do perverso é encontrada na angústia que escapa à libidinização. Isto é, na necessidade de se impor períodos de abstenção, no caráter fugaz e precipitado da descarga, no segredo da atividade perversa e nas situações frustradas de satisfação.

Coincidindo com aquilo que Freud afirmava nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1927/1996), Stoller (1986) observa que o modo de obtenção de prazer do perverso é rígido e invariável, mas acrescenta que tal prática é necessária e primariamente motivada pela hostilidade (um estado no qual se deseja ferir e causar dano e dor a um objeto). Desta forma, a presença da hostilidade em relação ao objeto é a característica central do ato perverso, o que justifica o uso de tal palavra. Para Stoller (1986), a perversão é um produto da ansiedade, sendo que o comportamento perverso molda-se a partir de remanescentes e de ruínas da história do desenvolvimento libidinal, particularmente da dinâmica familiar. O autor acredita que, se pudéssemos, de modo utópico, saber tudo o que aconteceu na história do sujeito que investigamos, então encontraríamos certamente os eventos históricos que se fazem representar em detalhes no ato sexual manifesto do perverso. A hipótese do autor é a de que a perversão é uma fantasia posta em ato por meio de uma estrutura defensiva construída gradualmente através dos anos, com a finalidade de preservar o prazer erótico. O desejo de preservar tal gratificação seria proveniente de duas fontes, um extremo prazer físico que, pela sua própria natureza, demanda uma repetição, e a necessidade de manutenção da identidade.

Stoller (1986) traz também a ideia de que a montagem da cena perversa não visa somente à recusa da castração, mas, sobretudo, à manutenção da identidade sexual ameaçada. Assim sendo, a perversão é o resultado de uma determinada dinâmica familiar que, induzindo medo, força a criança a evitar o enfrentamento da situação edipiana, na qual, todavia, ela já se encontra imersa. O desfecho do conflito edipiano não seria, portanto, a dissolução deste pela via do recalçamento, mas sim o seu evitamento, mantendo-o suspenso.

Para o autor, a perversão é a forma erótica do ódio, pois aquilo que preside o ato perverso é o desejo de ferir ou danificar o outro, na prática, trata-se de uma fantasia atuada. A hostilidade, na perversão, assume a forma de uma fantasia de vingança, escondida em ações que a dissimulam, que tem a função fundamental de converter um

trauma infantil em um triunfo adulto. Esse processo fantasmático de conversão da cena traumática infantil (vivida passivamente) em triunfo vingativo adulto (imaginado ativamente) é responsável pela produção da excitação sexual. E, para incrementá-la, maximizando-a, há também que se montar uma cena sexual que assuma o caráter de um ato arriscado. A introdução do sentido de *risco* no ritual visa ao propósito do sujeito de lutar contra o desinteresse sexual que poderia resultar de sua história traumática. A função do risco é exatamente incrementar a excitação e garantir a gratificação sexual. Mas o risco não pode ser extremo, a situação deve estar, em alguma medida, sob controle. O risco tem de ser baixo, ou, melhor dizendo, o que efetivamente importa é a impressão de que se está correndo risco. A perversão, assim, é a revivescência de um trauma sexual, e não de um outro tipo qualquer, ocorrido quer sobre a área sexual (anatômica), quer sobre a identidade de gênero. No ato perverso, o passado é evocado inconscientemente e nesse momento, o trauma é transformado em prazer. É como se a história fosse relembrada em ato, mas contada com um desfecho oposto ao que teve na cena traumática real, agora de modo favorável à vítima. A passividade transforma-se em atividade e a vingança se efetua sobre um objeto escolhido para representar a criança.

Uma conclusão importante desse autor é a de que todo o trabalho de construção da fantasia a ser encenada pelo perverso tem por corolário a *desumanização* do objeto sexual, embora o objeto seja uma pessoa real com sua personalidade, o perverso procura nele vislumbrar uma criatura sem humanidade ou simplesmente um fragmento anatômico ou de personalidade. O trabalho de Stoller (1986) coloca uma franca objeção ao pensamento freudiano. Se a formação da masculinidade, como quer Freud, é mais simples e linear do que a formação da feminilidade, por que a perversão incide com maior frequência nos homens?

Para Stoller (1986), a perversão masculina é, no fundo, um transtorno de gênero construído sobre uma tríade da hostilidade: raiva, medo e vingança. O menino tem raiva da identificação inicial com a mãe, tem medo de não conseguir escapar de sua órbita e almeja vingar-se dela porque sente que ela o colocou nessa condição. Na perversão, se examinarmos detalhadamente a fantasia que a subjaz, encontraremos em seu âmago os elementos remanescentes das experiências individuais infantis, no contato com pessoas do mundo real, que provocaram tal configuração psíquica. E, no centro dessa formação, encontra-se a hostilidade. Neste sentido, a hostilidade tem o propósito de fazer com que o sujeito se sinta superior e triunfante sobre o outro.

Kernberg (1989), acredita que a classificação da patologia sexual, particularmente das perversões, não pode ser baseada exclusivamente no conteúdo do comportamento sexual por si só, mas tem de incluir também a natureza da organização dominante de relações objetais. Para o autor, a subestimação, na definição psicanalítica clássica, das funções da conduta e da fantasia polimorfos perversas dentro das interações sexuais normais também conduziu a uma subestimação da função dos aspetos perversos na idealização que é constituinte normal dos aspetos sexuais das relações amorosas. Intimamente vinculada a estas questões encontramos a relação existente entre determinantes edipianos e pré-edipianos de perversão e o grau em que estes ingressam em certas estruturas perversas. Kernberg (1989) considera que quando a sexualidade polimorfa perversa, no decurso do tratamento psicanalítico bem-sucedido, é integrada com fantasias e comportamentos sexuais que reflitam a resolução de proibições edipianas contra a sexualidade genital, o resultado é um enriquecimento da experiência sexual. Assim sendo, a idealização erótica pode servir tanto a funções normais quanto a patológicas. Todas as idealizações podem ser consideradas como originadas nos conflitos que giram em torno da ambivalência, e a idealização erótica da sexualidade polimorfa perversa não constitui exceção à regra. Kernberg (1989) acrescenta que a integração do ódio à relação amorosa enriquece-a, bem como à excitação erótica, enquanto que a idealização de uma perversão específica é uma defesa secundária recrutada a serviço da negação da ansiedade de castração e da regressão à fase anal. Para o autor, a problemática centra-se na definição da forma como as tendências perversas normais são transformadas em fixações, como a multiplicidade de fantasias e comportamentos sexuais se transforma em conduta restrita e obrigatória, como a idealização erótica concomitante se transforma em defesa que nega a importância dos impulsos sexuais dissociados ou reprimidos vinculados à realização edipiana proibida.

McDougall (1989) acredita que a cena que o perverso cuidadosamente monta, em forma de ritual, como um teatro através do qual se intenciona provar a inexistência da castração. Como um enredo cuja intenção inconsciente básica é a demonstração de um triunfo sobre a castração, sendo este o fantasma que ronda o ato e por ele é visado, o objetivo de toda a criação perversa. O sentido dessa *mise-en-scène* está centrado na produção de uma castração lúdica, que visa provar que a castração não é perigosa nem mutilante, mas, condição de prazer. É um desafio que se faz no confronto com a angústia, no intuito de prevalecer perante a mesma. Daí o carácter compulsivo da busca

sexual do perverso, pois, diante da evidência sempre presente da realidade, ele não pode proteger-se totalmente da angústia e de, a seu modo, negá-la ou escamoteá-la. Mais do que desejo, trata-se de angústia a força que o move em direção ao ato sexual.

Janine Chasseguet-Smirgel em *Ética e estética da perversão* (1991, cit. por Ferraz, 2009), com as suas próprias observações clínicas e elaborações teóricas, parece resgatar o núcleo da primeira definição freudiana da perversão, para integrá-lo a um modo global de concebê-la, onde também se incluem as peculiaridades do conflito edipiano e os mecanismos presentes na formação do fetiche, traçando, assim, um corpo conceitual que organiza coerentemente os três modelos da perversão da obra de Freud. Do primeiro modelo freudiano ela recupera o papel da regressão sádico-anal na formação da perversão, o mundo do perverso se confunde, em um certo nível, com a regressão sádico-anal. Recorrendo aos textos mais antigos de Freud, especialmente aos *Três ensaios sobre a sexualidade* (1905), a autora insiste em lembrar que a analidade e o narcisismo dominam a solução perversa, tal como as intuições iniciais de Freud insistiam. A autora trabalha com a hipótese de que o futuro perverso transpõe aquela ausência de frustração, peculiar ao autoerotismo, para o domínio do objeto na situação edipiana. O reconhecimento da dimensão genital da sexualidade inclui a aceitação das prerrogativas paternas e do coito genital, constituindo-se como a própria aquisição do princípio de realidade. Esse reconhecimento implica, portanto, a necessidade de adiamento da satisfação dos desejos ligados à posse daqueles poderes sexuais e fecundantes do pênis paterno.

Chasseguet-Smirgel (1991, cit. por Ferraz, 2009) sublinha algumas particularidades do ideal do ego no caso da perversão. Tal ideal não se liga ao investimento do pai e do pênis genital paterno, mas sim a um modelo pré-genital. A evolução psicosexual do menino é interrompida pela crença que ele adquire, induzida pela mãe, de que seu pênis infantil ainda que pequeno, é superior ao do pai em qualidade e que ele, mesmo sendo criança, é um parceiro perfeito para mãe, nada deixando a desejar em relação ao pai. O pai torna-se, assim, uma pálida miragem, impotente diante do pacto estabelecido entre mãe e filho em torno da situação edípica. À negação da diferença sexual, da qual resulta a negação da existência de papéis e posições distintas na triangulação edípica, associa-se a negação da diferença entre as gerações. Se o pênis do menino é qualitativamente superior ao do pai, e se, por isto

mesmo, ele é o parceiro mais adequado para a mãe, então a diferença entre a criança e o adulto também se desfaz.

Chasseguet-Smirgel (1991, cit. por Ferraz, 2009) aborda também o papel exercido pelo fictício na vida psíquica do perverso. A estruturação psíquica do perverso repousa sobre a base de uma crença ilusória, a de que o menino não precisa crescer, visto que agrada à mãe da forma como é, já tendo portanto tomado o lugar do pai. Acontece que essa crença não assume a totalidade do mundo mental do perverso, devido às próprias características da clivagem do ego que decorre da recusa. Desse modo, o perverso tem a necessidade de recorrer a um mecanismo que lhe permita salvaguardar a sua ilusão, através da idealização. De acordo com Chasseguet-Smirgel (1991, cit. por Ferraz, 2009, p.106) “*O próprio falo enaltecido que, na falta de uma identificação paterna adequada, só poderia ser fictícia*”.

McDougall (1992) cunhou a expressão *neossexualidades*, em menção ao que ela própria já havia chamado de *neorrealidade* para falar do mundo da adição. A compulsão sexual do perverso passa a ser encarada, pela autora, como uma espécie de adição. Uma regressão é operada na relação do apoio da sexualidade sobre o somático, resultando uma sexualidade na qual o desejo cede espaço à necessidade. A sexualidade funciona, assim, como uma droga, não está no registro do prazer, próprio da sexualidade como tal, mas no registro da necessidade. É uma sexualidade que não acede, pois, ao amor e nem pode chegar a conhecê-lo. O objeto é anônimo, chamado a desempenhar um papel definido e controlado. Fora da cena sexual, ele não possui valor algum, ao contrário do que se dá na sexualidade normal, em que o parceiro é investido como pessoa. O ato sexual, ritualizado, não passa de uma montagem estereotipada em que o parceiro atua como um protetor contra a depressão e a perda da identidade. Neste sentido, a fantasia atuada é altamente especializada e diz respeito a seu complexo particular ligado ao terror da cena primitiva, dificilmente passível de elaboração. Assim, seu universo fantasmático e onírico é extremamente pobre. Embora o perverso pareça habitar um mundo pleno de fantasias exuberantes, a sua análise vai mostrando o quanto estereotipadas e repetitivas elas são. McDougall (1989) supõe que a sua estrutura superegoica não permite imaginar relações sexuais fora de sua perspectiva limitada, o que confere esse caráter de pobreza à sua vida onírico-fantasmática.

McDougall (1989) atribui a manipulação do prazer do outro à tentativa que o perverso faz de inverter sua situação infantil de espectador impotente, excluído das

relações parentais e, ao mesmo tempo, assolado por um excesso de excitação ou vítima de uma estimulação não elaborável. Outra observação muito interessante da autora reside na questão da onipotência do perverso que se expressa na sua crença de deter o segredo do desejo sexual, muitas vezes demonstrando desdém e desprezo pelas sexualidades mais simples ou convencionais, atribuídas ao pai denegrido.

McDougall (1989) concorda com a teoria lacaniana sobre a perversão em que aquilo que foi recusado não é restituído ao sujeito sob a forma delirante, mas é sempre redescoberto, em função da ilusão que seu ato sexual contém. Isto explica também por que a cena sexual deve ser montada, uma vez que o seu papel é o de proteção contínua contra a solução psicótica do delírio. Na evolução da teoria freudiana da perversão, esta, definida por sua relação com a neurose (seu “negativo”), foi passando a ser vista como patologia similar à psicose. Assim, a autora volta-se para os estágios iniciais do desenvolvimento da criança, isto é, para as trocas sensoriais entre a mãe e o bebê, quando os temores maternos inconscientes desempenham um papel fundamental na estruturação do mundo interno. Na dinâmica dos papéis familiares, a autora supõe que a mãe, para reparar uma fantasia de dano pessoal interior, investe o filho da condição de extensão libidinal ou narcísica dela mesma, investimento que leva ao desejo de excluir o pai do seu papel real e simbólico. Essa situação agrava-se, quando o pai aceita o papel passivo que lhe é reservado, pois, desse modo, os terrores e desejos libidinais arcaicos do bebê não encontram caminho para uma elaboração satisfatória e, conseqüentemente, não podem tomar parte da representação sexual do *self* adulto. Ora, uma falha na elaboração de angústias mais básicas torna a criança predisposta a um novo colapso quando da necessidade de elaborar as angústias decorrentes da castração fálico-edipiana. Se predomina o mecanismo da recusa, fica impossível a elaboração da *posição depressiva* descrita por Melanie Klein, conclui McDougall.

No livro *Alienação nas perversões*, Khan (1987) apresenta o resultado de mais de vinte anos de trabalho intenso sobre esse tema. É dando ênfase ao fenômeno da alienação que o autor resume e antecipa o seu principal argumento, descrito na seguinte citação:

“O perverso coloca um objeto impessoal entre seu desejo e seu cúmplice: este objeto pode ser uma fantasia estereotipada, um artifício ou uma imagem pornográfica. Os três o alienam de si mesmo, assim como, desafortunadamente, do objeto de seu desejo” (Khan, 1987, cit. por Ferraz, 2009, p.112).

A alienação, relacionada ao mecanismo da dissociação, pressupõe que a formação da perversão resulta de uma patologia do ego, visto que não se trata simplesmente de uma regressão a um modo pré-genital de se obter satisfação sexual. Isto, portanto, leva Khan (1987, cit. por Ferraz, 2009) a situar a perversão em um ponto mais próximo da psicose do que da neurose. Com Kahn (1987, cit. por Ferraz, 2009), surge um novo conceito que é utilizado pelo mesmo no entendimento do sujeito perverso, a *técnica de intimidade*, que seria uma especialidade do perverso na sua abordagem do objeto. Essa “técnica” designa o caráter e o clima emocional da relação de objeto, através da qual o perverso faz saber a si mesmo e, simultaneamente, anuncia e faz desencadear, dentro do outro, algo que pertence à sua natureza mais primitiva. A comunicação que daí resulta é essencialmente corporal, ou seja, pré-verbal. Khan (1987, cit. por Ferraz, 2009) fala da montagem de uma “situação fingida” que implica, necessariamente, a cooperação de ambas as partes. Para o autor, a criação desse clima emocional é uma das poucas e autênticas capacidades criativas do perverso.

Considerações sobre o masoquismo

Em 1906, Krafft-Ebing descreve uma perversão caracterizada pela busca por uma submissão dolorosa e humilhante à qual designou de masoquismo, tendo o termo a sua origem no autor Sacher-Masoch. Os seus estudos incluíram todas as manifestações clínicas do masoquismo tais como, dor física, picadas, golpes, chicoteadas, humilhação, serventia, submissão, punição corporal, entre outros.

A literatura que aborda estas questões, de cariz psicanalítico, tem vindo a revelar formas diversas de olhar para a questão, apesar de diferentes, os autores complementam-se e, sobretudo, procuraram encontrar justificação para a grande questão por muitos colocada: O que leva um ser humano, que poderia ter outra alternativa, a colocar-se no lugar de ser assujeitado, submetido, humilhado? (La Boétie, 1993). Desde o início da teoria psicanalítica que se procura explicar as práticas que, tal como o escritor austríaco Leopold Sacher-Masoch, procuravam satisfação sexual através do tormento e da humilhação. Freud (1905) alerta que tanto o masoquismo, quanto o sadismo, numa certa medida, fazem parte da sexualidade e só devem ser considerados como uma patologia nos casos mais extremos.

Em *Pulsões e seus destinos* (1915), Freud descreve quatro vicissitudes possíveis para a pulsão sexual. A primeira é a reversão em seu oposto, a segunda, o retorno em direção ao próprio eu, a terceira, o recalque e a última a sublimação. Os diferentes destinos das pulsões são verdadeiros desvios que garantem a sua satisfação parcial. Relativamente ao masoquismo, destaca-se a reversão da pulsão em seu oposto e o retorno em direção ao eu. A reversão, neste caso mudança de atividade para passividade, afeta apenas as finalidades das pulsões indicando que a finalidade ativa (torturar, olhar) é substituída pela finalidade passiva (ser torturado, ser olhado). Desta forma, o sadismo é visto como anterior ao masoquismo. Relativamente ao retorno da pulsão em direção ao eu, considera-se que o masoquismo é um sadismo virado contra o próprio eu. Neste caso, a diferença reside na troca do objeto da pulsão, mas não na sua meta ou finalidade. O masoquista compartilharia a satisfação sexual da qual é objeto. Essa meta só será possível depois de o sujeito ter masoquistamente experimentado uma dor concomitante com uma sensação de prazer, ou seja, só será possível através de uma identificação com o objeto que sofre a agressão (Lima et al., 2011).

No artigo *Uma criança é espancada* (1919), Freud enfatiza que nem todos aqueles que constroem essa fantasia são estruturalmente perversos em sua vida adulta e que essa fantasia pode ser recalçada, substituída por uma formação reativa ou transformada por meio da sublimação. As fantasias de espancamento consideradas na clínica de Freud só se evidenciaram entre os cinco e os seis anos de idade. No entanto, segundo o mesmo, é entre os dois e os cinco anos de idade que os fatores libidinais congênitos são despertados pela primeira vez. Desta forma, permitiu-se a hipótese de que estas fantasias tivessem um histórico anterior.

Neste trabalho, as teias teóricas que desenvolve alicerçam-se sobretudo aos casos femininos e são apresentadas três fases no processo de desenvolvimento da fantasia masoquista. A primeira fase, consciente, é representada pela frase “o meu pai está batendo na criança”, sem determinação sexual da mesma. Após algumas transformações, a segunda fase, inconsciente, é marcada por a criança espancada se tornar aquela que produz a fantasia, “estou a ser espancada pelo meu pai”, esta para Freud é a fase mais importante uma vez que, apesar de se tratar de uma construção na análise, é acompanhado por um alto grau de prazer e adquire aqui um caráter inequivocamente masoquista. A terceira fase, consciente, assemelha-se à primeira, o pai geralmente é substituído por uma figura de autoridade que o representa, aquele que fantasia volta a ser apenas observador, várias crianças estão presentes e adquire um importante significado “o meu pai não ama essa criança, ama apenas a mim”. O sentimento de culpa, associado aos desejos inconscientes do complexo de Édipo, em combinação com a repressão desencadeia um rebaixamento progressivo da organização genital para um nível anal-sádico e, desta forma, “o meu pai me ama” converte-se em “o meu pai está a bater-me”. Para o autor, encontrava-se aqui a essência do masoquismo.

No que diz respeito à presença do masoquismo no masculino, Freud revela ainda que as fantasias, geralmente associadas à mãe, possuem um antecedente mais primitivo, “estou a ser espancado pelo meu pai” (o meu pai me ama), semelhante à segunda fase que ocorre nas mulheres. A terceira fase seria “estou a ser espancado pela minha mãe”, onde reprime a latente homossexualidade presente. Sem mais acrescentos sobre o assunto, nesta época, Freud refere conclusivamente que a fantasia de espancamento tem a sua origem numa ligação incestuosa com o pai, em ambos os casos. No caso da mulher, a fantasia inconsciente masoquista parte de atitude edipiana normal, no caso do menino, parte da atitude invertida, na qual o pai é tomado como objeto de amor.

Verificou-se também um duplo ganho psíquico, a fantasia masoquista como reparador da culpa por obter prazer no dano ao objeto odiado, alvo do espancamento originário (a outra criança, ameaça à exclusividade narcísica) e, através da regressão libidinal (do reverso sobre si mesmo), remia-se da culpa de desejar o dispensador das pancadas, o pai (Andrade., 2011).

Em 1920, no artigo *Para além do princípio do prazer*, Freud abandona a sua teoria da pulsão de conservação do eu e pulsão sexual, para elaborar um novo dualismo, pulsão de vida e pulsão de morte. Com a introdução do conceito de pulsão de morte, qualquer pulsão passa a ser pensada como algo para além da economia homeostática. O sadismo e o masoquismo são considerados como um dado irreduzível da pulsão. Assim sendo, Freud deparou-se com a necessidade de relacionar o modelo da homeostasia do aparelho psíquico com a sua nova teoria pulsional que implica uma articulação dor-prazer. Surge desta forma, a possibilidade de um masoquismo primário que aponta para a presença de uma outra lógica de funcionamento económico.

Com esse intuito, surge em 1924 *O problema económico do masoquismo*, se o princípio do prazer tem como objetivo buscar prazer, como pensar o masoquismo como prazer através da dor?

Partindo deste ponto de vista, o princípio do prazer perde o seu domínio como guardião da vida psíquica e da vida em geral uma vez que a dor e o desprazer perdem o seu sentido de alarme para ser o objetivo final da pulsão. Freud parte da suposição mítica de que a pulsão de morte já estaria presente desde sempre enquanto a pulsão de vida surgiria através da libido para travar a destrutividade desse movimento pulsional originário, que teria como objetivo o retorno ao estado inanimado (Jorge, 2010). A libido, passaria a contar com um “sistema especial de órgãos”, a musculatura, que desviaria para fora do organismo uma grande parte da pulsão de morte para o mundo externo a serviço da pulsão sexual, chamada de sadismo. No entanto, outra porção, não compartilha dessa transposição para fora, permanecendo dentro do organismo, libidinalmente presa. É nessa porção que temos de identificar o masoquismo original, erógeno (Lima et al., 2011).

“O masoquismo apresenta-se de três formas: como condição imposta à excitação sexual, como expressão da natureza feminina e como norma de comportamento. Podemos, por conseguinte, distinguir um masoquismo erógeno, um masoquismo feminino e um masoquismo moral ” (Freud, cit., por Andrade, 2011).

Freud supõe que a dor e o desprazer também podem ser acrescentados à pulsão sexual, o que indica que no início da vida a dor e o prazer se misturam. Desta forma, o masoquismo infantil seria gerado pela dor e pelo desprazer fisiológico, que se selaria então como masoquismo erógeno e que teria o seu desenvolvimento e magnitude conforme a sua constituição sexual. Relativamente ao masoquismo feminino, Freud destaca que é o lugar ocupado pelo sujeito na construção da fantasia que implica uma posição de ser castrado, que também se articula ao ser copulado, ao dar à luz um bebé. Revela que o que se encontra nestes casos é uma ligação do infantil com o feminino e a expressão de um sentimento de culpa que se associa à punição que procura.

A última forma discutida por Freud, o masoquismo moral, merece destaque pela sua aparente desvinculação com a pulsão sexual. Nesta modalidade de masoquismo, o que se encontra na vanguarda é efetivamente o sofrimento. Freud (1924) chama a atenção para uma espécie de inibição moral, que atua sobre algumas pessoas como se estivessem sob um verdadeiro império moral. Destaca-se como fruto de relações intrapsíquicas entre o eu e o superego, cujo resultado é uma necessidade de satisfação mediante castigo e sofrimento. Freud chama atenção para o facto de que esta tendência masoquista, por norma, permanece oculta para a pessoa em questão. É compreendido por Freud existir um desejo inconsciente, frequente nas fantasias de espancamento, de ter relações passivas com o pai. Se a consciência e a moralidade surgem mediante a dessexualização do complexo de Édipo, através do masoquismo moral ocorre uma ressexualização da moral e o complexo é revivido (Lima, M., Leite, Sônia, 2011). Desta forma, o sofrimento é invertido em prova do cuidado e do interesse de quem o causa, enquanto o componente sádico é neutralizado e, até, inviabilizado. Além disso, dá-se a ocultação da ferida narcísica com que o processo se iniciou.

Nacht (1965/1995), dedicou-se a estudar o masoquismo principalmente pelo ponto de vista clínico e psicogénico. A novidade trazida pela autora revela-se ser a sua proposta de que o masoquismo se trata de um mecanismo de defesa, uma defesa do self patológica. Revela que o masoquista, enfrentando o medo de tudo perder (um medo proveniente da castração), permite sacrificar-se a perder uma parte para salvar o resto.

Nacht (1965/1995) opôs-se à ideia freudiana referente à consideração do masoquismo como um instinto primitivo autodestrutivo, referindo que clínica e terapeuticamente não se demonstra como relevante. A autora, acredita que as tendências

libidinais que não são satisfeitas, quer no contexto do complexo de Édipo, quer em outros tipos de contextos, e a agressividade proveniente destas não é direcionada ao objeto pois este ora é amado, ora é temido. Desta forma, após a repressão, esta agressividade retorna ao self em forma de masoquismo, a pessoa trata-se como trataria o objeto caso o conseguisse ter feito. O masoquismo aparece, assim, como uma manifestação agressiva e defensiva.

A autora, apresenta a ideia de que as ações de insucesso em que o masoquista se insere, no que diz respeito ao seu sacrifício e sofrimento são reais, no entanto, o perigo com que se confronta parece ser apenas uma ficção do seu inconsciente. A economia psíquica parece encontrar um certo ganho na situação. Nacht (1963/1995) propõe a combinação de dois mecanismos para o potencial ganho neurótico, o sofrimento erotizado e o sofrimento usado pelo superego como significado de autopunição de forma a, parcialmente, neutralizar o complexo de culpa, para que necessidades libidinais, até ai proibidas, sejam autorizadas de modo a encontrar uma certa satisfação.

Novick e Novick (1987) analisaram uma grande amostra de crianças com o fim de explorar a fantasia de espancamento, os referidos autores encontraram duas formas relativas à mesma, uma normal e transitória e uma outra fixa. Consideraram a epigénese do masoquismo como uma adaptação a um ambiente perturbado, uma defesa contra a agressão e como um modo instintivo de gratificação. As suas descobertas foram de encontro a Freud, uma vez que acreditaram que as fantasias de espancamento estariam relacionadas com uma época pós complexo de Édipo, enquanto que os seus determinantes poderiam ser encontrados em fases precoces. O desejo pelo bater, a teoria da penetração sádica e os jogos fálicos de espancamento podem ser observados de alguma forma em todas as jovens crianças, relatam os autores. Declaram também que o masoquismo perverso e o masoquismo moral possuem uma estrutura comum, a fantasia.

Para Stoller (1986), o masoquista nunca é uma verdadeira vítima, pois acredita que o perverso não perde o controlo dos rumos tomados pela cena sexual que monta. O cenário é, assim, montado com o propósito de forjar um sofrimento fraudulento. Ademais, lembra que nas cenas sadomasoquistas há uma situação identificatória complexa que não permite tomar ingenuamente cada participante como se estivesse a jogar com a própria identidade. Os lugares identificatórios são flexíveis e intercambiáveis, permitindo que se goze o gozo atribuído em fantasia ao outro.

Portanto, é perfeitamente possível pensarmos em uma identificação com o agressor ou, ainda, em um sentimento de superioridade da vítima sobre o algoz, quando a hostilidade é mantida secreta na fantasia.

Conforme Lowen (1977), Reich resolveu o problema clínico não por se concentrar na perversão masoquista como era habitual fazer, mas pela análise da sua base caracterológica de reação. Reich (1932, cit. por Nacht, 1995), tentara mostrar que o masoquismo não se trata de uma manifestação de instintos destrutivos mas representa uma reação defensiva contra a angústia de castração. Reich, vai de acordo com Freud, na medida em que na presença de um masoquista existe sempre um sádico, que é apresentado principalmente nas suas relações com outras pessoas, uma vez que na análise reichiana o aspecto principal que é ressaltado são as atitudes sociais masoquistas, como o indivíduo interage com o seu meio. Reich (1932, cit. por Tosta, 2011) considera que o masoquista, consegue pelo viés do sofrimento mobilizar de forma negativa as pessoas ao seu redor, proporcionando ao próprio e ao outro, a essência do seu caráter, provocação, ressentimentos, culpa, raiva e depreciação de si mesmo. Um aspecto que aparece considerado como muito importante é que as pessoas de caráter masoquista apresentam uma tendência a um auto boicote acentuado, acompanhado por uma baixa autoestima. Segundo Lowen (1977), todos os caracteres masoquistas mostram um comportamento estático, especialmente desajeitado nas suas maneiras e no seu relacionamento com os outros. Navarro (1995) refere que todos os esforços que o paciente masoquista faz estão destinados a falhar, porque faz sabotagem de si mesmo, procurando a própria terapia falhar.

Segundo a teoria Reichiana (Lowen, 1982), quando o indivíduo de caráter masoquista exhibe uma atitude submissa na conduta externa, por dentro ocorre justamente o contrário, a pessoa acolhe sentimentos intensos de despeito, de negatividade, de hostilidade e superioridade. Contudo, estes sentimentos estão fortemente aquém dos ataques de medo, que explodiria num violento comportamento social, o medo de explodir é contraposto a um padrão muscular de contenção. Devido ao fato de a contenção ser severa, a agressão e a autoafirmação são bastante reduzidas. Ao invés de assertividade, a pessoa masoquista apresenta queixumes e lamentos. Estes são a única expressão vocal que consegue sair com facilidade de uma garganta estrangulada. Em lugar da agressividade, prevalece a conduta provocativa cujo objetivo é receber uma

resposta poderosa o suficiente por parte da outra pessoa para que o masoquista tenha, sobretudo, condições de reagir violenta e explosivamente em situações sexuais.

Segundo Reich (1933/1989), a estrutura de caráter masoquista é fruto de um lar onde haja amor e aceitação, ao lado de uma repressão severa. A mãe é dominadora e o pai é passivo e submisso. A mãe é capaz de sacrificar-se mas, na verdade, sufoca literalmente a criança, que é levada a sentir-se extremamente culpada por qualquer tentativa de expressar a sua liberdade ou de afirmar sua atitude, quando negativa. No seio familiar, é comum dar uma ênfase exagerada à alimentação e à defecação, fator que se soma à pressão já mencionada. Todas as investidas de resistência, foram provavelmente aniquiladas, tendo posteriormente que deixá-los de lado. O paciente, quando criança, lutava consigo mesmo, com um profundo sentimento de humilhação sempre que experimentava a libertação, na forma de vômitos, de desafios, de fazer xixi e cocô nas calças. Assim sendo, a ansiedade de castração, nestes tipos de estrutura, parece ser muito acentuada. Uma rigidez estrutural, poderá significar, uma defesa contra uma tendência masoquista subjacente.

Gilles Deleuze, em 1967, com a sua análise sobre Sade e Masoch em *O frio e o Cruel*, vem acrescentar que a definição moral do masoquismo, pelo sentimento de culpa, não é mais satisfatória. No entanto, considera que a culpabilidade e a expiação são real e profundamente vividas pelo masoquista, assumindo que o mesmo “vive no mais profundo da culpabilidade”, mas que o seu pecado não é vivido em relação ao pai mas relativo à semelhança com este. O filósofo francês acredita que a culpabilidade faz parte do triunfo masoquista, pois é o pai que se torna culpado no filho, e não o filho em relação ao pai. É conduzido por essa história, que descreve o triunfo da mãe oral, a abolição da semelhança com o pai e o aparecimento do homem novo.

Kernberg (1995) considera que o masoquismo deverá ser compreendido tendo em consideração as vicissitudes das forças libidinais agressivas do desenvolvimento do superego e da sua patologia, dos níveis de organização do ego, e da patologia das relações objetais internalizadas, além do alcance do predomínio das funções narcisistas normais ou patológicas. Kernberg (1995) explica como o masoquismo pode ser considerado “normal”, descrevendo-o como uma consequência incontornável da integração das funções normais do superego, havendo assim uma disposição para desenvolver sentimentos de culpa inconscientes, quando derivativos pulsionais infantis

reprimidos são ativados e referindo a capacidade sublimatória de suportar a dor como preço pelo sucesso ou ganhos futuros.

Como constituinte de uma patologia neurótica de carácter, o autor apresenta o transtorno depressivo-masoquista de personalidade. Apresentando-o como possuindo um ego bem integrado, boa tolerância à ansiedade, controle de impulso e capacidade sublimatória, um superego rígido mas bem integrado e capacidade de estabelecer relações objetais profundas e diferenciadas. São por Kernberg apresentados três traços predominantes neste tipo de organização, um superego intransigente, uma superdependência com relação ao apoio, amor e aceitação dos outros e dificuldades na expressão da agressão. Segundo o autor, as paixões masoquistas são caracterizadas por uma escolha inconsciente de um objeto que, geralmente, é incapaz ou não quer corresponder a essa escolha. O amor pelo objeto, não-disponível ou sádico, representa uma submissão aos aspetos do ideal de ego do superego que foram projetados sobre o objeto, e este amor sofrido e insatisfatório enche o individuo de orgulho e intensidade emocional.

Dissertando sobre o comportamento sexual, Kernberg (1995) considera que os conflitos sexuais inconscientes estão intimamente relacionados com comportamentos masoquistas, manifestando comportamentos autopunitivos como um reflexo de proibições inconscientes contra impulsos edipianos. Cenários inconscientes também incluem a representação de identificações conflituosas com o sexo oposto e identificação com o objeto incestuoso sádico punitivo. A perversão sexual pode incluir encenação simbólica das experiências da cena primária, tais como o triângulo edipiano, na forma de *ménage à trois*, na qual o objeto masoquista é forçado a presenciar relações sexuais de seu objeto amoroso e um rival, como condição para o ato sexual e gratificação.

Contrastando com o nível masoquista já descrito, Kernberg (1995), descreve um tipo de sujeito cujos comportamentos parecem não possuir características securizantes, com organização borderline de personalidade. Nestes casos, a perversão sexual desencadeia o surgimento de padrões de comportamento “*as if*” ou a estrutura “*play acting*” e sugere patologia grave das relações objetais. Por vezes existe a ocorrência de comportamentos sexuais bizarros nos quais conteúdos anais, uretrais e orais colorem o padrão masoquista, caracteristicamente primitivos e de dimensão pré-genital. Segundo o

psicanalista americano, aquilo que é comum nestes sujeitos são os fortes impulsos primitivos e agressivos, grave patologia das relações objetais, predominância de conflitos objetivos pré-edípianos no cenário sexualmente masoquista e falta de integração das funções do superego. É também frequente a inconstância na escolha, relativamente ao género, nos parceiros sexuais.

Cooper (1988), em *O carácter Narcísico-Masoquista*, sugere que existe uma ligação estreita entre o narcisismo e o masoquismo, tanto ao nível do desenvolvimento como na clínica, afirmando que nenhuma destas ocorre sozinha. Considerando teorias formuladas sobre os eventos anteriores ao complexo de Édipo, partindo de Margaret Mahler (1972) e Kohut (1971), Cooper (1988) sentiu necessidade de reexaminar o masochismo usando as novas ideias sobre o processo separação-individação, regulação de autoestima, a natureza das relações objetais primárias, entre outras. Relativamente à natureza do prazer no masoquismo, especula que a criança tenta encontrar o máximo prazer possível no quer que lhe seja familiar, seja nas experiências dolorosas ou em mães pouco empáticas. Tal acontece através da capacidade defensiva em tornar uma experiência dolorosa em algo experienciado de forma egossitónica, “*Eu estou frustrado porque quero estar, Eu forcei a minha mãe a ser cruel*”. Desta forma, refere o exemplo de indivíduos com personalidade estruturalmente borderline, exibem o dano a si mesmos e aos outros com satisfação, demonstrando como sofrem (Greenacre, 1960, cit. por Cooper 1988).

Hermann (1976), refere o carácter masoquista como consequência na falha relativa ao sucesso no processo de separação, como uma reativa repetição de traumas de separação. Considerando a dor como uma necessidade para a definição do self e do processo de separação-individação e sentida com gratificação. Cooper (1988) explica tal acontecimento com a frase, *Sofro, portanto existo*. Assim, a mestria da dor e não o seu evitamento, é considerado como um grande sucesso, implicando satisfação através da dor. O autor, exemplifica a sua teoria referindo como todas as culturas de todos os tempos idealizaram heróis cujas conquistas apenas foram possíveis através do envolvimento de dolorosas e perigosas façanhas. Cooper (1988) relaciona o impacto de experiências de humilhação narcísica excessivas por razões internas ou externas a uma falha dos mecanismos de reparação. Quando o objeto é percebido como excessivamente cruel ou rejeitante, o self é percebido como incapaz de se afirmar genuinamente atingindo gratificação. A gratificação é obtida através do desapontamento, uma vez que

as funções do ego libidinais e assertivas não se encontram disponíveis ou não são familiares. Desta forma, ser desapontado ou rejeitado torna-se o modo preferencial de afirmação narcísica. O psicanalista americano declara também que o prazer no masoquista não contém a sua origem na fase genital, mas é anterior ao Édipo, considerando ser uma satisfação relacionada com uma função do ego, com a regulação da autoestima. O superego encontrar-se-á também distorcido em certa medida, a severidade excessiva da personalidade narcísica e masoquista, predominantemente, domina o padrão clínico.

Shainess (1997) considera que o carater masoquista, em maior ou menor forma, se trata de um problema particular e importante, especialmente reconhecido pelo tipo de linguagem que o sujeito utiliza, como a necessidade de desculpabilização constante e desapropriada, antecipando qualquer ataque proveniente do exterior, o masoquista defende-se de imediato, criticando. Associa igualmente alguns rituais obsessivos e uma visão misantrópica relativamente ao outro, comparável à da paranoia. Um outro aspeto que considera equivalente é o de centralidade, sendo que em ambos os casos, existe o predomínio de um sentimento de ser objeto de crítica, em conjunto com a incapacidade de lidar com este fator. Diferencia o sujeito paranoide do masoquista pelo facto de que o paranoide se encontra orientado para projetar a culpa e a agressividade nos outros, enquanto que o masoquista teme o outro. Situa o crescimento do masoquismo na sociedade moderna e competitiva como uma antítese, na medida em que o sujeito masoquista volta o ódio sentido pelos outros para si mesmo, punindo-se, enquanto que o sujeito paranoide age sobre o ódio que o mesmo sente pelos outros, punindo-os. Neste sentido, o masoquismo e a paranoia, são considerados por Shainess (1997) como psicóticos ou fronteiros. A psicanalista americana refere que, relativamente à história de vida do masoquista, todos os casos começam por uma relação altamente insatisfatória com a mãe, envolvida sobretudo com crítica excessiva, sarcasmo, cinismo, ridicularização e hipocrisia.

SEGUNDA PARTE

Sacher-Masoch: Notas biográficas

Leopold Ritter von Sacher-Masoch foi o autor austríaco que deu origem ao termo *masoquismo*, no entanto, a sua vida e obra foram conhecidas pela diversidade, captando o romantismo alemão, o erotismo, a política, a história e a cultura de sua época, dando especial destaque para as problemáticas associadas às minorias, aos nacionalismos e aos movimentos revolucionários do antigo Império Austro-Húngaro. Várias singularidades da sua vida vão de encontro a alguns aspetos que podemos verificar na obra *A Vénus das Peles*, como é o exemplo da tia paterna que residiu com a família durante uns tempos e que terá fornecido alguns maus-tratos físicos a Masoch enquanto criança. Também as aventuras com as suas amantes, particularmente no que diz respeito aos contratos estabelecidos, se revelam como muito similares às do conto, e de extrema importância para a articulação que se possa fazer entre o criador e o personagem.

Sacher-Masoch nasceu em 1835 na cidade de Lemberg, situada na Galícia, província ao sul da Polónia que, desde 1772, incorporada no Império Austro-Húngaro (atual Lvov, na Ucrânia), morreu em 1895, após várias internações em Mannheim por crises de demência. A sua ascendência é eslava, espanhola e boémia, os seus antepassados eram funcionários do império austro-húngaro. Filho de família aristocrática, aprendeu em pequeno o francês, língua em que se alfabetizou juntamente com o alemão e estudou filosofia, direito e ciências. Desde cedo alimentou o sonho de se tornar um escritor importante e reconhecido. A sua mãe era uma aristocrata polaca e o seu pai, nomeado cavaleiro pelo Imperador Francis I, era chefe de polícia de Lemberg e pensa-se que as cenas de motins e de prisão que presenciou quando criança o marcaram profundamente. Sacher-Masoch foi de início professor de história em Graz e começou a carreira com romances históricos. O tipo de linguagem escolhido pelo autor entrelaça-se entre o folclórico, o histórico, o político, o místico e o erótico, o nacional e o perverso. Elaborou um projeto de publicação de um conjunto de livros que se chamaria O legado de Caim, que tratava seis temas, amor, propriedade, dinheiro, Estado, guerra e morte. Esta obra, pretende dar conta da herança de crimes e sofrimentos que se encontram associados à condição humana. Os temas influenciados pelo problema das minorias, das nacionalidades e dos movimentos revolucionários do império parecem ter sido o que mais o instigava,

uma vez que pareceram ser o motor da sua produção literária, muitos dos seus temas insidiam sobre a luta dos camponeses contra a administração austríaca, mas sobretudo, contra os proprietários locais.

Masoch foi um escritor conhecido por diversas obras, entre as quais se destacava o livro *Conto galiciano*, de 1858, mas a sua consagração como escritor maior viria com a publicação de romances que, embora pudessem ser vistos como obras sentimentais por olhos ingênuos ou desavisados, não tardaram a ser identificados como portadores de erotismo, algo que transcendia os romances tradicionais. Em 1886, foi condecorado e homenageado em solo parisiense, pelo jornal *Le Figaro* e pela *Revue des Deux Mondes*. Entretanto, o célebre psiquiatra Richard von Krafft-Ebing publicava o seu livro intitulado *Psychopathia Sexualis*, catálogo do comportamento sexual humano, no qual constava um grande número de práticas sexuais que fugiam a uma vigente normalidade. Tudo documentado com um vasto material clínico, médico-legal ou literário. E foi assim que duas das mais conhecidas "perversões" sexuais arroladas pelo autor ficaram definitivamente vinculadas aos nomes de dois escritores: o prazer em causar dor ao parceiro foi batizado de "sadismo", em referência ao Marquês de Sade, enquanto o prazer obtido por meio do sofrimento, o "masoquismo", associava-se a Sacher-Masoch. Segundo Bernard Michel, autor de uma obra biográfica de Sacher-Masoch, refere que este último não aceitou de forma passiva a nomenclatura proposta por Krafft-Ebing e protestou contra aquela apropriação de seu nome, recusando o destino de vir a figurar na história como "perverso" ou "pervertido", ou mesmo como libertino. No entanto, o termo "masoquismo" vingou e não apenas no vocabulário da psiquiatria e da sexologia, mas também na linguagem comum.

“Sinto-me justificado em chamar essa anomalia sexual de masoquismo, porque o autor Sacher-Masoch frequentemente fez dessa perversão, que, até então, era consideravelmente desconhecida pelo mundo científico como tal, o substrato de seus escritos. [...] Nos anos recentes, houve avanço nos fatos que provam que Sacher-Masoch foi não apenas o poeta do masoquismo, mas que ele próprio era afligido pela anomalia.”
(Krafft-Ebing, 1990, p. 240)

A despeito do sentido “patologizante” incutido no termo masoquismo, Kraft-Ebing contribuiu para os estudos sobre o tema ao ressaltar aspectos fundamentais do quadro clínico por ele descrito. Considerou o masoquismo como uma perversão peculiar da vida sexual psíquica, onde o indivíduo em questão, no que se refere aos seus sentimentos e pensamentos sexuais, é controlado pela ideia de estar completa e

incondicionalmente à mercê de uma outra pessoa, sendo submisso a outro. Acompanhado do seu raciocínio, associado à ideia anteriormente referida a sensualidade, a imaginação e a fantasia como motores da satisfação masoquista. Identifica também a idealização presente neste quadro e o desejo, de caráter incontrolável, de ser apassivado e submetido à escravidão e à humilhação.

Algumas das amantes de Sacher-Masoch confirmaram publicamente que a vida e a obra do mesmo se entrelaçavam. Uma primeira aventura, com Anna von Kottowitz, inspirou *A mulher divorciada* (1870), posteriormente com Fanny Von Pistor, *A Vênus das peles* (1870). Em 1873, casara com Wanda von Dunajew. Tal como acontece em *A Vênus das Peles* é narrado por Wanda, no seu livro *Confissões da minha vida* (1906), o frequente envolvimento de um terceiro elemento na relação, por desejo de Masoch, primeiramente com Ludwig II da Baviera e, posteriormente, com Armand, de Le Figaro, este último parece ter sido a causa do fim do casamento. Em 1887, Masoch voltara a casar, desta vez com a governanta de seus filhos, Myriam Harry. A sua última esposa escreve também uma interessante obra onde descreve Masoch, *Sonia em Berlim* (n.d.). Em 1885, a sua saúde mental parece ter começado a deteriorar-se e foi para um asilo dedicado a doentes mentais em Mannheim, onde falecera no mesmo ano.

A Obra: A Vénus das Peles

Apesar de *Vénus das Peles* não ser uma obra autobiográfica, o seu interesse como tal revela-se como extraordinário, a mesma pode ser vista por uma prisma de fantasia envolvida em desejo, na qual Sacher-Masoch atentava, também em sua vida, atingir. Na obra de Masoch, a linguagem adquire o seu máximo valor ao atuar diretamente sobre a sensualidade, o romantismo, a crueldade e o perigo nos limites da relação. Resumidamente, poder-se-ia dizer que estamos perante uma vítima que procura um carrasco, com necessidade de o formar, de o persuadir e de, elaborar com ele, uma aliança.

A obra foi escrita após o relacionamento de Sacher-Masoch com Fanny Pistor e também baseada neste. Vários pormenores são exemplo da similaridade entre ambas as relações, nomeadamente, a assimetria existente entre o casal, o contrato que é estabelecido entre eles e a viagem que fazem para Itália, bem como as condições em que o realizam. A publicação da obra data de 1870, um ano antes do seu relacionamento com Aurore Rumelin, mais conhecida pelo nome que adquiriu nessa época, Wanda von Dunajew, nome pelo qual se designa também a heroína de *A Vénus das Peles*.

O protagonista, Severin von Kushemski, conta a história da sua relação com Wanda von Dunajew ao narrador da obra, depois que este conta um sonho que teve com uma mulher coberta de peles, possivelmente inspirado pelo quadro que se encontrava no escritório de Severin, semelhante à *Vénus do Espelho* de Ticiano. A obra de pintura retratava uma bela mulher, seminua e na posse de um chicote, na companhia de um homem, um devoto a seus pés deitado, tal escravo aparece como muito idêntico ao próprio Severin, assim comenta o seu amigo e narrador da história.

Após a descrição do sonho e da introdução do quadro, Severin refere que o sonho do seu amigo trata-se de um exemplar de uma experiência por ele já vivida, “eu sonhei com os olhos abertos”, comenta. Neste impasse, surge uma jovem mulher que trazia uma refeição para os protagonistas, Severin tratara impietosamente a mesma, para espanto do seu colega. Soando traumatizado com o final da história que ainda viria a contar, revela, “*se a tivesse acariciado, estrangular-me-ia, mas como a eduquei a chicote, adora-me*” (*A Vénus das Peles*, p.16), e confessa de imediato, “*Eu fui seriamente maltratado e curei-me*” (*A Vénus das Peles*, p.16). Posteriormente, Severin

inicia a descrição da aventura pela qual passou, com a ajuda do seu manuscrito que passa a ler, como se apaixonou por uma mulher, sendo que, posteriormente, acaba por se tornar seu escravo. Severin referencia as suas sensações durante esta etapa como suprasensuais, enaltece particularmente a forma como esta mulher se veste, de couro ou de peles, associada à dominação que sobre o mesmo exerce. A aventura amorosa inicia-se partindo de uma fixação por uma estátua de Vénus que Severin visitava, situava-se no jardim da pradaria, junto da casa onde vivia com a viúva, esta que mais tarde se tornaria a heroína da sua história, ela no primeiro andar e ele no rés-do-chão, em Cárpatos. Nesta altura, o protagonista encontrava-se absolutamente apaixonado pela fria e bela pedra.

“A Vénus é formosa e quero-lhe tão apaixonadamente, tão dolorosamente, tão profundamente, tão loucamente quanto se pode amar uma mulher, e ela responde a este amor com um sorriso eternamente semelhante, eternamente tranquilo, um sorriso de pedra. Numa palavra: adoro-a” (A Vénus das Peles, p. 20).

Quando numa noite, Severin caminha para contemplar a sua musa, percebe um outro vulto feminino e confunde-se, tratava-se da viúva que morava no primeiro andar. Nessa noite, Severin, como é descrito pelo próprio, perde-se e volta para casa pensando no seu momento delirante, onde revela ter perdido a capacidade de identificação, confundindo ambas. Na manhã seguinte, encontram-se novamente. O fascínio que era sentido pela Vénus em pedra, parece ter sido deslocado para Wanda. A partir de então, inicia-se um romance controverso, em que os desejos que, à partida, pareciam contraditórios, adaptam-se e tornam-se complementares. Não tardara muito até o romântico mostrar-se devoto à sua encantadora e arrebatadora musa, confessando que desejava com ela casar-se. No entanto, esta não mostrou interesse em com ele ficar mais do que “talvez dois meses”, como lhe revelara. Desta forma, mediante o desejo de eternidade de Severin e a indisponibilidade de Wanda para eternamente o amar, o compromisso encontrado foi o de caminharem em um território onde persiste o dominador e o dominado, o mestre e o servente.

“- Há de ser muito divertido dominar de tal maneira um homem que nos interessa e ama. Mas que imprudência deixar-me escolher! Escolho, pois. Quero que seja meu escravo, meu brinquedo.

- Faça-o!” (A Vénus das Peles, p.39).

Daqui em diante, o casal parte para uma aventura erótica centralizada em uma relação que poderia ser associada a uma ambivalência entre amor e ódio. Os caminhos

que percorrem revelam-se como inconstantes. Por vezes, a regra da dominação e da passividade imperam, por outra vezes, o arrependimento e a angústia. A descontinuidade, os avanços e recuos da relação poderão ser percebidos pelos excertos que se seguem, pronunciados por Wanda em momentos diferentes.

“Sê pois, meu escravo, e aprende o que é um homem entregar-se a uma mulher”
(A *Vénus das Peles*, p.53).

“Esquece a odiosa cena de ontem (pediu-me com a voz a tremer). Acedi à tua louca mania. Sejamos agora razoáveis e felizes, amemo-nos e dentro de um ano serei tua mulher” (A *Vénus das Peles*, p.54).

Entretanto, por entre tais aproximações e afastamentos, estabelecem um contrato. Neste documento, Wanda estipula que será *tudo* e Severin será *nada*, um escravo dominado, sem direitos ou vantagens. Severin pede para introduzir alguns pontos. Relativamente a estes, inclui-se a impossibilidade de ser abandonado por Wanda ou que esta o abandonará, entregando-o a algum dos seus adoradores. Wanda acrescenta ainda que parece faltar uma cláusula de enorme importância, o uso das suas peles quando se apresentar e, essencialmente, quando severa para com o seu dominado. No entanto, o contrato não é assinado no momento, preferindo Wanda fazê-lo quando viajassem para Itália, um lugar onde não fossem conhecidos.

“Vais imediatamente informar-te do nome, morada e demais coisas sobre o príncipe. Ouviste?” (A *Vénus das Peles*, p.66)

A anterior transcrição é uma ordem dada a Severin, aquando do momento em que Wanda cruza olhares com um príncipe russo. Posteriormente, passaram-se entre o casal momentos de união, romantismo e erotismo. No entanto, Wanda persiste com a ideia de que Severin não é o homem que lhe convém, revelando interesse nele apenas como seu servo. Perante tal, Severin demonstra sinal de descontentamento, escrevendo uma carta de despedida, embora esta não tenha realizado qualquer efeito.

Partem para Itália, onde Wanda trata Severin implacavelmente, sem qualquer sinal de misericórdia e assinam finalmente o contrato que haviam acordado anteriormente. Segue-se um extrato do referido:

“A Sr.^a Dunaiew não só adquire o direito de agredir o seu escravo pelas faltas que cometa, mas também de o maltratar por capricho ou passatempo, mesmo até á morte, se lhe apeteecer. Fica, em suma, como sua propriedade absoluta” (A *Vénus das Peles*, p.87).

Os tempos que lá passam são de total tormento, embora aconteçam alguns momentos de envolvimento, existem muitos de distanciamento. O casal continuava na

inconstância, entre o sofrimento e o prazer, entre o desafeto e a paixão. Entretanto, Wanda evidencia alguns indícios de traição, interagindo com diversos homens.

“Faço isso para excitar-te, necessito de um adorador para não te perder, não quero perder-te nunca, nunca, entendes? Porque te amo a ti e somente a ti” (A Vénus das Peles, p.100).

No entanto, com o passar do tempo, em certo momento, já Wanda confessara não amar mais o seu devoto, algo que deixa Severin perdido e questionando o seu papel na relação e na vida. Mesmo assim, permanece a ela dedicado, como se só ela fosse a sua única razão de viver.

“Há muito que sonhei – repliquei devorado de febre – que não posso viver sem ti. Morrerei se me deres a liberdade. Permite-me ser teu escravo, mata-me mas não me afastes da tua presença” (A Vénus das Peles, p.103).

Por entre os homens que Wanda conhecera, um sobressaíra, o grego Alex Papadopolis. Com este mesmo homem, tem uma aventura romântica e com ele, expressa vontade de casar, o que provoca um enorme sentimento de desespero em Severin. Indignado, o escravo tenta fugir, mas sem eficácia, volta para a casa de sua senhora. Esta recebe-o com esperança mas acaba por revelar-lhe que tudo não passara de uma encenação e que com Severin quer ficar, desejando terminar o contrato de escravidão que possuíam. Combinaram sair essa mesma noite. No entanto, algo inesperado aconteceria. Wanda prende Severin a uma coluna e mostra-se sinistra e particularmente mais cruel desta vez. Encontrava-se acompanhada de seu novo amante, o Grego, e como que de uma profecia se tratasse, foi este quem chicoteou Severin pela última vez.

“O mais ignominoso é que, na minha dolorosa situação, sob o látego de Apolo e o riso da Vénus cruel, experimentei ao princípio uma espécie de encanto fantástico, ultrasensual. Mas o látego de Apolo dissipou rapidamente esse encanto poético. Os golpes choviam sobre mim, apertei os dentes, e o sonho voluptuoso, a mulher, o amor, desvaneceram-se ante mim” (A Vénus das Peles, p.133).

Posteriormente, deixam Florença separados e Severin volta para o seu lar para acompanhar seu pai nos seus últimos dias. Assim que falece torna-se proprietário das terras. Passados três anos recebe uma carta de Wanda, esperançada de que se tenha curado da fixação às peles e à sua crueldade, assim o assume Severin.

No final, confessa a seu amigo e narrador, a moral da história:

“O que se deixa chicotear, merece-o” (A Vénus das Peles, p.136).

O sonho e a reparação em Masoch

Segundo Deleuze (1973), a originalidade da produção literária de Sacher-Masoch reside, justamente, no fato de o autor escrever a partir do seu sentimento de vida.

“Todos os romances, quando não tratam de um assunto histórico, nasceram da minha vida, banharam-se no sangue do meu coração. Que me compreendam bem, não fiz romances, a partir dos capítulos de minha biografia, isto estaria bem longe da arte, mas em cada uma das minhas narrativas há um nervo que é meu, há motivos que são extraídos de minha vida. Mesmo quando a fábula é inteiramente inventada, não é o caso dos caracteres, não é o caso das cenas e dos detalhes. Na minha obra, a pintura é sempre propriedade do poeta, mas a tela em que nasceu assim como a sua impressão à minha pessoa, à minha vida” (Sacher-Masoch, 1895, cit. por Michel, 1992).

As cortinas que abrem o magnífico conto de Leopold Sacher-Masoch, colocam em cena a ilustração de um sonho. Neste sonho, de seu amigo e narrador da obra, o mesmo encontra-se também enamorado de uma *Vénus*.

“Apesar do seu olhar de estátua tinha uma cabeça admirável, que era quanto eu via dela. Cobria o seu divino corpo marmóreo uma grande capa de peles, no qual se envolvia como uma gata friorenta” (A *Vénus das Peles*, p.10).

A representação acima descrita trata-se de um excerto do sonho, no entanto, este verifica-se como muito idêntico à imagem que percebemos ter Severin, o protagonista, da sua própria *Vénus*, posteriormente descrita na história que relata mais avante.

Jessen (cit. por Freud, 1969) refere que tampouco nos tornamos melhores ou mais virtuosos no sono. Pelo contrário, a consciência parece ficar silenciosa nos sonhos, pois neles não sentimos nenhuma piedade e podemos cometer os piores crimes, com completa indiferença e sem quaisquer sentimentos posteriores de remorso. Assim, o sonho parece tornar-se o espaço ideal, a solução perfeita para a fuga. E, neste sentido, quanto mais longínqua, mais aceite pelo ego será, daí ser invocada pelo outro, desta forma Sacher-Masoch, procura um outro que não ele, e que não o protagonista do conto para iniciar o seu romance. Depositando nele os seus desejos, a sua fixação, o crime romântico e um ideal que é para si, ao mesmo tempo, difícil de aceitar e impossível de se ausentar.

Pontalis (1999) coloca a seguinte questão, “Evocar uma perversão do sonho, ou a sua redução a um objeto interno, não será pressupor que existe uma verdadeira natureza do sonho, que tem a sua fidelidade própria e que detém virtualidades cujo

desenvolvimento seria um dos propósitos visados pela cura?”. Através da escrita e do sonho projetado em outro, Severin e, porque não, Sacher-Masoch, parece tentar elaborar-se a si mesmo. Parecem haver um destino para tal concretização, uma tentativa de reparação que é feita através da fantasia e através da identificação com outro, oferecendo subjetividade e companhia à sua angústia e perda amorosa.

O material com o qual a psicanálise trabalha, além do sintoma, é a fantasia. A fantasia não é um sintoma e não pode ser dissolvida ou curada, mas sim atravessada, pois ela é uma construção que origina um sujeito e, uma vez encontrada na literatura, pode ser analisada por Freud através de comparações com a clínica psicanalítica (Marta Regina de Leão D'Agord, 2010). Também aqui, como na psicanálise mas através desta mesma, se revela como de extrema relevância o uso que é feito da fantasia na literatura de Masoch. Esta demonstra-se como uma forma do autor se expressar sem limites, articulando a realidade ao desejo mais ou menos primário, mais ou menos secundário mas constituinte principal do seu enredo, do seu trabalho literário.

Klein (1929) sugere uma função reparadora, para o próprio sujeito, no ato criativo, mas é a reparação do objeto que impede a retaliação, trata-se então de uma intervenção do ego e não ainda do impulso do id. Segundo Laplanche e Pontalis a reparação é um *“mecanismo descrito por Melanie Klein pelo qual o individuo procura reparar os efeitos produzidos no seu objeto de amor pelos seus fantasmas destruidores. Este mecanismo está ligado à angústia e à culpabilidade depressivas, a reparação fantasmática do objeto materno, externo e interno, permitiria superar a posição depressiva garantindo ao ego uma identificação estável com o objeto benéfico”* (1985, p. 581). Hanna Segal (1991), refere que aqui se nota a gênese da formação simbólica, sendo que o produto de uma perda é o trabalho criativo que envolve o sofrimento e todo o trabalho de luto. Assim, entende-se por processo de reparação, a necessidade do artista de recriar os seus objetos internos, e lhes dar, separando-os de si, uma nova realidade, uma vida independente. Marialzira Perestrello (1997), refere-se à arte como uma reparação do objeto, na qual o artista passa pelo luto e elaboração (em todos os níveis) da perda de uma pessoa significativa ou pela decepção de um objeto ou situação.

Desta forma, Sacher-Masoch parece tentar distanciar-se de si e dos seus desejos, na procura da possibilidade de separação de um objeto interno persecutório. Em amor, culpa e reparação, Klein (1937) revela que o ato de fazer reparação é um elemento

fundamental do amor e de todas as relações humanas. Persiste a ideia de que o autor procura, por esta via, reparar-se.

O termo sublimação foi postulado por Freud para explicar atividades humanas sem qualquer relação aparente com a sexualidade, mas que encontrariam o seu elemento propulsor na força da pulsão sexual. Freud descreveu como atividades de sublimação principalmente a atividade artística e a investigação intelectual. A pulsão é sublimada na medida em que é derivada para um novo alvo não sexual ou em que visa objetos socialmente valorizados (Laplanche e Pontalis, 1985).

Determinadas atividades, investidas pelas pulsões agressivas, devem ser abandonadas devido ao temor da retaliação que elas fazem nascer. Por exemplo, os fantasmas sádicos respeitantes ao interior do corpo da mãe constituem a primeira relação com a realidade, a qual, num primeiro tempo, é unicamente fantasmaticizada. Desta forma, a sublimação evidencia-se como uma forma de reparação se a libido consegue investir os objetos ou as atividades. Após as pulsões agressivas, o recurso ao mecanismo da reparação permite, a partir da reconciliação com o objeto, a instauração da sublimação (Delgado, *Psicanálise e Criatividade*, 2012).

Para Amaral Dias (cit. por Delgado, 2012), *“a personalidade criadora é de tal forma bombardeada com elementos beta que necessita, permanentemente, utilizar uma função alfa para dar conta e ressignificar todas as experiências”*, isto é, trata-se de uma personalidade que tem necessidade vital de traduzir e “desenergizar” os elementos beta, provenientes da percepção, e, carregados de energia, através de uma função continente, em elementos alfa, suscetíveis de criarem narrativas.

Partindo do berço

“Até no berço, segunda dizia a minha mãe, fui estranho” (A Vénus das Peles, p.40), confessa Severin quando conversava com Wanda a propósito da sua infância e juventude.

Laplanche (1993), refere que a dependência relativa à necessidade de amor e ódio, torna a pequena criança sujeita aos estímulos sexuais dos pais a partir do contacto com os seus corpos e da estimulação da sexualidade infantil que se encontra em desenvolvimento no seu próprio corpo e na sua imaginação.

“Recusei o seio de uma viçosa ama de leite, e tiveram de me alimentar com leite de cabra. De pequenino que experimentava pelas mulheres um terror inexplicável precisamente pelo impaciente interesse que me inspiravam” (A Vénus das Peles, p.40).

Sousa e Feliciano (2011) declaram que do ponto de vista do bebé, a experiência de sentir fome e ser saciado é uma das mais intensas na sua vida inicial, portanto, o encontro com a mãe e um seio que alimenta e conforta pode significar os primeiros sinais de qualidade dessa relação primordial. Considerando que as relações iniciais com os pais são constitutivas do desenvolvimento psíquico do indivíduo, tais episódios contribuem para transtornos emocionais ao longo da vida. Mamar no seio de uma mãe que pode oferecê-lo é uma experiência de grande riqueza para ambos. Entretanto, a possibilidade de amamentar, assim como a condição emocional de que o pai acolha tal vivência e dê suporte à dupla, está relacionada às representações psíquicas construídas ao longo da história e pré-história de cada um dos pais, com seus próprios objetos primordiais, cujos traços inconscientes podem contribuir ou atrapalhar essa dinâmica. Esses episódios e a continuidade deles nos primeiros tempos de relacionamento do bebé com sua mãe acabam por transtornar toda a dinâmica familiar, resultando em estados de *stress* que podem impedir que haja trocas de prazer, entrega mãe-bebê e construção de vínculos de intimidade.

Esther Menaker (1953) revela que, enquanto criança, o masoquista passou por repetidas frustrações orais, incapacitando o narcisismo necessário para o estabelecimento sólido do seu ego, provocando uma considerável fraqueza deste. Karen Horney (1935), argumentara que, como forma de evitar a ansiedade, o masoquista abandona parcialmente o seu ego, permanecendo este fraco e, desta forma, conseguindo

salvaguardar-se. Thompson (cit. por McWilliams, 2005), refere que, por vezes, os filhos aprendem que, embora se sintam de um modo geral abandonados e, conseqüentemente, sem valor, podem obter alguma atenção e cuidados se estiverem a sofrer.

Verifica-se portanto, uma questão problemática relacionada com a oralidade e com a primeira relação significativa de Severin. Demonstra-se como relevante tal teorização psicanalítica sobre este tema, uma vez que, de facto, as limitações possíveis que terão ocorrido na sua infância tenham levado o protagonista a colocar-se predominantemente numa posição de vítima, usando tal como um mecanismo de defesa.

Verificamos pelo que relata Severin, relativamente aos seus primeiros momentos de vida, que nutriu desde cedo um *terror* pelas mulheres. A mãe é pouco abordada neste contexto, no entanto, podemos tirar as algumas hipóteses partindo disso mesmo e da presença revelada da ama de leite, de quem refere ter recusado o contato e aquilo que receberia do seu seio.

O amor, calor e satisfação provenientes da relação que é estabelecida com a mãe possuem a função de atenuar a ansiedade. Contudo, quando confrontado com a ansiedade provocada pelo instinto de morte, o ego do bebé deflecte. Essa deflexão do instinto de morte consiste em parte na conversão do instinto de morte em agressividade, desta forma, o ego divide-se e projeta a parte que contém o instinto de morte para fora, no objeto externo original, o seio (Segal, 1975). Segundo Laplanche (1993), o ódio sentido é reforçado pela regressão do amor para um estadio sádico preliminar. Desta forma, o ódio adquire o seu carácter erótico e assegura a continuidade da ligação entre amor e relação. Benjamin (1995) revela que a perda e a separação podem, em vez de se dissolver, intensificar a onipotência da mãe.

“Deslizava furtivamente, como para gozar um prazer proibido, para junto de uma Vénus de gesso que se encontrava na biblioteca do meu pai, e ante ela me ajoelhava, dirigindo-lhe as orações que me haviam ensinado, o padre-nosso, a ave-maria, o credo... Ajoalhei-me frente a ela e abracei os seus pés gelados, como havia visto fazer as aldeãs aos pés do Crucificado” (A Vénus das Peles, p.40).

No anterior excerto citado, poderá confirmar-se a teoria de que a distância existente entre Severin e sua mãe, a tornaram intocável e, por isso, semelhante a uma Deusa, totalmente idealizada. No limite, a figura mais próxima que Severin tivera de uma mãe securizante e reconfortante seria exatamente a da estátua, da *Vénus de Gesso*, que se tornaria a intemporal adoração de sua vida. Seria esta a quem revelaria as suas

confissões e a quem rezava e suplicava por auxílio. Também nesta, acabara por depositar os seus desejos e as suas intenções carnis.

“Um desejo ardente e invencível apoderou-se de mim. Pondo-me de joelhos, abracei o seu formoso corpo frio, beijei os seus lábios e pareceu-me que a deusa, com um braço levantado, me ameaçava” (A Vénus das Peles, p.40).

Interessante e curioso é também o fato de que esta *Vénus de gesso*, se encontrava na biblioteca do pai, espaço onde era privilegiado o saber do pai, assim como o conhecimento e a sabedoria estavam na posse do pai, também a própria *Vénus de gesso*, isto é, a sua mãe. Pouco se sabe desta figura masculina, no entanto, poder-se-ia ponderar tal hipótese, talvez este pai tivera contribuído para o distanciamento existente entre Severin e sua mãe, podendo ser este ou não o principal influente no contexto que se figurava. Kohut (1979), na análise que faz de Mr. Z, revela que o seu paciente não teria um rival no complexo de Édipo, mas sim uma fixação anterior, interpretando que as suas defesas narcísicas o protegiam do poderoso rival que possuía a sua mãe e da ansiedade de castração que se impunha pela consciência da competição e dos impulsos hostis contra o rival.

“Evitei por conseguinte todo o contacto com o belo sexo e idealizei-me até à demência” (A Vénus das Peles, p.41).

Como revela Coimbra de Matos (1983), a necessidade de um objeto bom leva à idealização do mesmo e ao recalçamento do ódio para com esse objeto, por medo de perder o seu amor, por culpabilidade, por medo de uma retaliação agressiva da parte do objeto e/ou por medo de ser considerado pelos outros como mau. Estes medos alastram-se para o mundo objetual em geral. A partir do contributo de Coimbra de Matos podemos entender mais facilmente a idealização que Severin faz da mulher, não apenas da primeira mas da figura feminina, estendendo este núcleo para todas as mulheres da sua vida. Posteriormente, Severin conta como se revelou a sua primeira experiência real que proporcionou a junção entre a dor e o prazer na atuação do feminino.

“Outra cena desta época que me ficou na memória de uma maneira inesquecível. Uma minha tia afastada, a condessa Sobel, veio a casa dos meus pais. Era uma bela e majestosa mulher, de riso sedutor, mas eu detestava-a, porque tinha na família a fama de uma Messalina, e tratava-me com a maior insolência e maldade. Sucedeu que um dia, os meus pais foram à capital. A minha tia resolveu aproveitar-se da ausência deles para executar a sentença que havia decretado contra mim. De rompante, entrou, vestida com a sua kazabaika, seguida da cozinheira, da sua filha e da rapariga que eu havia desdenhado. Sem me dizerem nada agarraram-me e, apesar da minha violenta resistência, ataram-me os pés e as mãos. Depois de que, com o seu riso perverso, a minha tia levantou as mangas e começou a espancar-me com uma vara, tão fortemente que o sangue correu e,

apesar da minha coragem, gritei por misericórdia. Então, fez com que me desatassem, mas tive de ajoelhar-me ante ela para lhe agradecer o castigo que me infligira e para lhe beijar a mão” (A Vénus das Peles, p.41-42).

A descrição de Severin remonta ao simbolismo de sacrifício, penitência e idolatração que revelara anteriormente em relação à *Vénus de gesso*, na sua infância mais remota. Esta figura, uma representante familiar, enaltece a idealização criada por Severin em relação ao feminino e torna-a real, criando no próprio as condições necessárias para que a sua fantasia se funda com a possibilidade da carne. Parece-nos que é neste momento preciso que Severin cristaliza a sensação de prazer de forma a que possa ser repetido, permitindo uma eventual compulsão à repetição, como se pode verificar nos relacionamentos que tende a perpetuar na sua vida. Também em Masoch sabemos ter existido uma tia que residira uns tempos em sua casa, possivelmente, de quem usufruía punição. Possivelmente terá sido este o momento mais simbólico no que diz respeito à vivência da sua sexualidade agida, algo que é transportado para a sua criação literária.

“Vejo agora que o que me ocupa a imaginação desde a infância me encheu sempre de um doce horror” (A Vénus das Peles, p.65).

Mulheres em *Vison*

As heroínas em Masoch possuem em comum formas opulentas e musculadas, caráter altivo, vontade imperiosa, certa crueldade até na ternura ou na ingenuidade. Delleuze distingue três mulheres (1976), o primeiro tipo é a mulher pagã, a Grega, ou Afrodite, geradora de desordem, sensual, vive pelo amor e pela beleza. Invoca a independência da mulher e a igualdade entre os gêneros, é hermafrodita. É uma mulher moderna, que renuncia ao casamento e ao que lhe estiver relacionado, inventado pelo homem. A citação seguinte é uma declaração feita por Wanda a Severin.

“O prazer sem dor, a serena sensualidade grega é o ideal que procuro realizar na minha vida, e não creio no amor que apregoa o cristianismo, os modernos as almas cavalheirescas. Sim, olhe-me uma vez mais, sou mais que uma herege, sou uma pagã” (A Vénus das Peles, p.26).

Smirnoff (1988) cita Wanda em *Confissões* (1906) quando esta revela que Masoch descreve a sua própria mãe como *“A mulher mais nobre e superior de todas, inalcançável na sua perfeição e pureza.”*

Num outro oposto, o terceiro tipo, a mulher que gosta de fazer sofrer, torturar, a fria, cruel e onipotente. Em *Vénus das Peles*, Wanda começa por julgar-se a Grega e acaba tornando-se sádica. Perto do final do romance, Wanda declara, *“Bem, sê meu escravo, mas não esqueças que não te amo já e que, por conseguinte, o teu amor não tem mais valor para mim do que a adesão de um cão a quem se enxota” (A Vénus das Peles, p.103).* Smirnoff (1969), acredita que esta idealização da mulher má que chicoteia o masoquista pode ser considerada como o equivalente ao fetiche, na luta contra a angústia de castração. Considerando a angústia de separação, Smirnoff (1969) refere que a cena masoquista pode ser um representante simbólico de ambos, com a fusão fora de alcance e a impossibilidade de separação do primeiro objeto sexual.

Smirnoff (1988), identificara um fenómeno de desencantamento em Sacher-Masoch, referindo que o que estará a falhar na sua vida é uma mãe suficientemente boa (Winnicott, 1953). Quando saudável, o bebê pode sustentar a culpa e, desta forma, com a ajuda de uma mãe pessoal e viva, é capaz de descobrir o seu próprio ímpeto pessoal de dar, construir e reparar. A frustração é inevitável em toda a experiência e encoraja a dicotomia, primeiramente, os impulsos inocentes agressivos em direção a objetos frustrantes e também os impulsos produtores de culpa em direção a objetos bons. A

frustração distancia a pessoa da culpa e promove um mecanismo de defesa, o direcionamento do amor e do ódio em linhas separadas. Se esta clivagem existe, ocorre um alívio do sentimento de culpa, mas em troca, o amor perde uma parte do seu valioso componente agressivo e o ódio se torna mais disruptivo (Winnicott, 1953). Podemos especular que tal tenha acontecido no desenvolvimento relacional de Sacher-Masoch.

No entanto, segundo Deleuze (1976), a mulher ideal de Masoch encontra-se entre ambos os extremos. Em *A Vénus das Peles*, o essencial decorre entre os extremos. Assim, estes dois temas não exprimem o ideal masoquista mas os limites entre os quais tal ideal se move, o limite em que o masoquista ainda não deu início ao seu jogo e o limite em que o masoquismo perde a sua razão de ser. Será possível encontrar o masoquista tal mulher ideal? Referido por Deleuze, em *A estética do feio*, um conto de Sacher-Masoch, este descreve a mãe de família, “mulher imponente, de ar severo, de traços vincados, de olhar frio, nem por isso deixa de adorar a pequena ninhada” (*O Frio e o Cruel*, p.53). Segundo Deleuze (1976), parece ser este o pretendido ideal. No entanto, em *A Vénus das Peles*, Severin refere:

“Eu tenho dois ideais de mulher. Encontrarei uma que, fiel e benévola, compartilhe a minha sorte brilhante e generosa, quando agora quem a compartilha somente o faz de uma maneira branda e tímida, ou então prefiro cair entre as mãos de uma mulher sem virtude, inconstante e desapiadada. No seu imenso egoísmo essa mulher é ainda assim um ideal. Se é que não posso gozar plena e inteiramente a dita do amor, necessito esgotar o cálice do sofrimento e da tortura, ser maltratado e enganado pela mulher amada, quanto mais cruelmente melhor. É um verdadeiro prazer” (*Vénus das Peles*, p.38).

A abordagem de Severin parece ir de encontro à ideia, anteriormente relatada, de Winnicott (1953), em que persiste uma idealização clivada relativamente ao objeto.

“Só se pode amar o que está acima de nós; uma mulher que nos oprime pela sua beleza, pelo seu temperamento, pela sua alma, pela sua força de vontade, que se mostra despótica para conosco” (*A Vénus das Peles*, p.39).

Lacan (cit. por Marta D’Agord, 2010), refere que o perverso é aquele que consagra a tapar o buraco no outro, é um defensor da fé e, por isso, uma espécie de auxiliar de Deus. Assim, o prazer é obtido através da autoridade, do poder. Sendo preciso amar o que está acima de nós e garantir a sua autoridade, daí Lacan denominar o masoquista de auxiliar, colocando o outro na posição de Deus. Segundo Marta D’Agord (2010), o intento é alçar tanto o parceiro como a si mesmo a um estatuto sagrado. Para o masoquista, ser um mártir é ser sobrenatural. Sua parceira tem um “corpo

marmóreo”, a frieza de uma estátua, como a da imagem de uma deusa morta. Para o prazer masoquista, é preciso mantê-la morta, mas divinizada, viva no simbolismo.

“Sofrer, suportar cruéis torturas, parecia-me então uma forma de prazer, sobretudo, se estas torturas se infligiam por intermédio de uma mulher bonita. De maneira que, para mim, sempre e constantemente, toda a poesia e toda a infância estão concentradas na mulher” (A Vénus das Peles, p.46).

Frequentemente, na fantasmática psíquica do homem, a possibilidade de perder o seu privilegiado órgão, pela castração, poderia ser realizada pelo ser sexualmente oposto. Essa mulher perversa e fatal das lendas é encontrada em mitos culturais e históricos, chamada de “mulher fálica”, possuidora do atributo do falo, mulher simultaneamente temida e atraente como um poderoso íman, que castra o homem e despoja os seus atributos. Pandora, Salomé, as sereias e as bruxas são alguns dos arquétipos míticos que traduzem este protótipo de mulher. Um outro exemplo seria Eva, esse ser sedutor por cuja mediação Adão perderá os seus poderes, e, como consequência, os seres humanos serão despojados do paraíso fértil de prazer infinito e arrojados à história humana cheia de limitações e dor (Capellá, 2003).

“A Vénus das Peles:

Poisa o pé sobre o teu escravo,

mitológica mulher, diabolicamente encantadora.

Estende o teu corpo de mármore

entre os mirtos e os agaves” (A Vénus das Peles, p.31)

Os antigos turcos chamavam Vénus de Arlig, o guerreiro, o macho, depois de *estrela da luz* (Lúcifer), depois Tcholban, o brilhante, o resplandecente (ROUF). Para os sumérios, Vénus era aquela que mostra o caminho às estrelas. Deusa da tarde, favorecia o amor e a volúpia, deusa da manhã, presidia aos atos de guerra e de massacre. Para os astrólogos, Vénus está ligada aos afetos de atração voluptuosa e do amor, que nascem da apetência orgânica do latente ao contato com a sua mãe, e prolongam-se até ao altruísmo sentimental (Gheerbrant, 1982). A adoração de Severin por Vénus talvez se possa auxiliar, integrando o poema do próprio e aquilo que é descrito na mitologia, ao entendimento de que aquilo que é idealizado aparece como superior, divino, poderoso e, como tal, impiedoso e massacrante. Na sua vida, Severin e Masoch, evidenciam movimentos de similaridade com a devoção a esta figura transcendental e fantástica que, por outro lado, possui todos os benefícios da carne, sendo também objeto de prazer

e promotora de satisfação pulsional. No nosso ver, o que torna parte da realidade tal divindade na terra serão as peles, uma vez que apenas através destas, é possível haver este compromisso entre o ideal e o real, entre o que é adorado e o que é erotizado.

“Já de criança dei mostras desta predileção. Além disso, a pele exerce uma ação excitante sobre todas as naturezas nervosas, quase em geral, como todas as leis físicas. É uma atração física tão estranha como excitante” (A Vénus das Peles, p.44).

Poder-se-ia dizer que estas peles representam uma espécie de substituto do falo? Um acrescento na figura feminina que lhe fornece o poder sobre o escravo? Sobre o homem passivo? Sobre o masoquista? Talvez a resposta a esta questão possa ser dada pelo próprio Severin no seguinte excerto.

“É assim que explico a mim próprio o simbolismo que atribui a pele ao poder e à beleza. Por isso, desde as primeiras idades do mundo as adotaram os reis, e assim também uma tirânica nobreza teve a pretensão de, mediante as leis sumptuárias, reservá-las como um privilégio exclusivo, enquanto que os grandes pintores as destinavam às grandes belezas” (A Vénus das Peles, p.45).

O contrato

“- *Quereis ser meu escravo?*

- *No amor – repliquei eu com solene sinceridade – não há justaposição, e se me deixais optar entre mandar ou ser mandado, parece-me muito irritante ser o escravo de uma bela mulher. Onde encontraria eu a mulher que, sem exercer a sua influência através de mesquinhas querelas, dominasse absoluta, mas tranquilamente, mantendo consciência de si própria?*

- *Todavia, não seria difícil.*

- *Quereis acreditar...*

- *Eu... por exemplo – exclamou rindo e deitando-se para trás -, tenho disposições de déspota...também possuo a peliça indispensável... Mas, de verdade? Tiveste sinceramente medo de mim esta noite?*

- *Sinceramente.*

- *E agora?*

- *Agora, sinceramente, continuo a ter” (A Vénus das Peles, p.30).*

O antecedente excerto, proveniente da *Vénus das Peles*, trata-se do primeira vez que *Severino* e *Wanda*, sugerem o estabelecimento de um contrato entre *senhora* e *escravo*. Verifica-se uma assimetria na relação. *Severino*, é claramente submisso a *Wanda*. A pergunta que se evidencia é feita pela figura feminina, no entanto, *Severino* contribui para o desenrolar do seu próprio enredo e, colocando à prova a mulher decidida que se apresenta, acentua a distância relativa aos papéis que exercem na relação. Tal torna-se notável pelo medo que diz referir, medo este que clarifica a sua posição passiva perante o poder que *Wanda* exerce sobre este, poder que ele mesmo deposita nela.

“*Ser o escravo de uma mulher formosa; eis o que amo, o que adoro” (A Vénus das Peles, p.47).*

Conforme *Smirnoff* (1988), o masoquista sabe que a sua posição é um resultado do seu próprio poder, dotado de obrigar o executor a possuir o papel de um mestre, quando na verdade este é apenas um escravo, uma criação do desejo masoquista.

Sacher-Masoch estudara direito, poder-se-á dizer que existe uma relação linear entre o seu interesse judicial, os direitos civilizacionais, bem como aqueles que são mais específicos do homem e da mulher, com o facto de estabelecer contratos com as suas amantes?

Gilles Deleuze (1967), nota que o masoquista faz emanar a lei do contrato, referindo que o mesmo não procura abrandar mas acentuar a extrema severidade da lei. Sendo que o contrato implica inicialmente as condições de um acordo das vontades, de um limite de duração, de uma reserva das partes alienáveis, a lei que daí resultaria tende a desvalorizar a origem e as condições restritas.

É impressionante como se pode verificar que os contratos estabelecidos por Severin e pelo próprio Sacher-Masoch e suas amantes se apresentam como incrivelmente similares. Tal fenómeno acresce a hipótese de como o acting-out relativo à fantasia masochista se desenvolve. Em *Coisas Vividas* (cit. por Deleuze, 1973), Masoch expõe os problemas que agitavam os congressos pan-eslavistas, relacionado com as revoluções de 1948, “*Fazei contratos, mas fazei-os com uma tsarina terrível, e que o resultado seja a mais sentimental das leis mas também a mais fria e severa*” (cit. por Deleuze, 1973, p. 101). Verifica-se como transversal esta questão contratual que é estabelecida pelo autor. É inevitável a reflexão sobre como estes são realizados visando uma parte submissa e uma dominadora.

“*Minha dona, quererás dizer, e eu teu escravo*” (*A Vénus das Peles*, p.55).

O casamento com Wanda von Dunajew, de seu verdadeiro nome, Aurore Rumelin, ocorreu pouco depois do lançamento de *Vénus das Peles*. Neste contexto, Sacher-Masoch foi advertido por sua esposa de que existiam críticas relacionadas com as suas obras literárias, sendo que se haviam tornado monótonas pela presença única de um tipo de mulher que é representada, dominadora e cruel. Wanda aconselhou-o a retirar estas mulheres de sua vida, ao qual o mesmo respondeu que a presença destas em seus escritos advinham de uma falta da mesma em sua própria vida. Desta forma, coloca a decisão em sua esposa, “*deverás maltratar-me e prometo que todas essas mulheres cruéis desaparecerão para sempre dos meus livros*”, proposta que aceita. Verdade é que Sacher-Masoch não mantivera mais o habitual tipo de mulher até aí sempre presente.

Victor Smirnoff (1988), coloca a tónica na falta de consensualidade existente entre o escritos Sacher-Masoch e a sua amante Wanda, afirmando que não existe qualquer complementaridade no compromisso entre o sádico e o desejo masoquista, considerando esta premissa como o verdadeiro significado do contrato masoquista, reafirmando que não é possível esquecer que quem estabelece as regras é a própria “vitima”. Neste seguimento de raciocínio, como afirma Khan (cit. por Smirnoff, 1988),

a técnica da intimidade é estabelecer uma situação faz de conta, envolvendo em quase todos os casos, a vontade de sedução co operacional de um objeto externo.

“Este ideal foi o meu ou o teu? Fui eu que te arrastei ou foste tu quem exaltou a minha imaginação?” (A Vénus das Peles, p.67)

O contato masoquista comporta na sua paradoxal intenção tornar uma das partes escravo e a outra parte, a mulher, senhor e carrasco. Aqui, o contrato é como que desmistificado na medida em que lhe atribuem uma deliberada intenção de escravização e até de morte, e na medida em que o colocam ao serviço da mulher, da mãe. Um paradoxo se encontra, tal intenção e benefício é concebido, pela vítima, a parte viril. Gilles Deleuze (1973), considera que o motivo pelo qual o masoquista assina um contrato com a figura feminina é “ingénua e simples”, o que se dá é a exclusão do pai, deslocando para a mãe o cuidado de fazer valer e de aplicar a lei paterna, tornando possível e garantido o sucesso perante o incesto. Assim, a castração, do ponto de vista da mãe é a condição do sucesso do incesto, assimilado por uma deslocação para um segundo nascimento em que o pai não toma parte. Desta forma, explica o autor, o masoquista identifica a atividade sexual tanto com o incesto como com um segundo nascimento, um duplo processo de identificação, em que a castração é a condição simbólica do sucesso. Deleuze refere que em Masoch, é suprimido o lugar e a semelhança do pai para fazer nascer um homem novo, assim, tornar-se homem é, aqui, renascer da mulher. O masoquista joga com três processos de denegação, o que magnifica a mãe, atribuindo-lhe o falo capaz de fazer renascer, o que exclui o pai, negando-lhe a participação nesse segundo nascimento, o que respeita ao prazer sexual, na medida em que a interrupção deste suprime a genitalidade para a transformar no prazer de renascer. A aplicação da lei paterna é posta nas mãos da mãe, uma transferência extremamente eficaz, prescrevendo o que até então seria proibido.

“Contrato entre a senhora Wanda de Dunaiew e

o senhor Severino de Kusiemski

O senhor Severino de Kusiemski quer, a partir de hoje, ser o prometido da Sr^a Wanda Dunaiew, renunciando a todos os seus direitos de amante e obrigando-se sob a palavra de honra e de cavalheiro a ser seu escravo até que ela lhe conceda a liberdade.

Como escravo da Sr.^a Dunaiew tomará o nome de Gregório e compromete-se a satisfazer sem reservas todos os desejos da dita senhora, sua dona, obedecendo a todas as suas ordens, sendo-lhe humildemente submisso, considerando qualquer mercê que receba como uma graça extraordinária.

A Sr.^a Dunaiew não só adquire o direito de agredir o seu escravo pelas faltas que cometa, mas também de o maltratar por capricho ou passatempo, mesmo até à morte, se lhe apetecer. Fica, em suma, como uma propriedade absoluta.

Se a Sr.^a Dunaiew conceder a liberdade ao seu escravo, Severino de Kusiemski, este compromete-se a esquecer tudo o que, como escravo, tenha sofrido, e a não vingar nunca, de nenhuma maneira, por nenhum meio e por nenhuma razão, nem a levar a cabo ação alguma contra ela.

Por sua parte a Sr.^a Dunaiew obriga-se a vestir-se de peles com a maior frequência, mesmo quando se mostre cruel com ele” (A Vénus das Peles, p.86-87).

A vítima não está apenas de acordo com as cláusulas que colocam em risco a sua integridade física e moral, mas é justamente quem, a partir do seu desejo de submissão, propõe subliminarmente, tais cláusulas. A elaboração desses contratos é, para Deleuze (1967), o mecanismo diferencial do masoquismo e, por isso, o aspeto jurídico ganha destaque especial na leitura que o filósofo faz da obra de Sacher-Masoch. Ferraz (2000), considerando que o sexo para o ser humano já se encontra afastado da temática biológica, refere que tais contratos explicitam que, na relação masoquista, o jogo erótico é, sobretudo, um jogo de poder. Encontrando-se no domínio da fantasia e da linguagem, enaltecendo o elemento simbólico através das significações inconscientes que se atribui ao outro.

Na segunda parte do documento, seguia o seguinte, “ *cansado das deceções de um ano de existência, ponho livremente fim à minha vida inútil” (A Vénus das Peles, p.88).*

Partindo dos contratos estabelecidos entre Severin e Wanda ou Sacher-Masoch e suas amantes, parece-nos claro que o masoquista não é apenas vítima de alguém cruel, perverso ou sádico, apesar de que, possivelmente em certa medida, estas características possam existir naquele(a) que exerce o domínio. Evidencia-se como principal sádico aquele que manipula a agressividade da relação a seu favor, ou seja, o próprio masoquista. Segundo França e Machado (2012) é este quem livremente procura, convence e fomenta o seu *dominador todo-poderoso*.

“- Não me conheceis ainda? Sim, sou cruel; já que tanto vos agrada essa palavra. Mas não tenho direito a sê-lo? O homem é aquele que solicita, a mulher é o solicitada. Esta é a vantagem única, mas decisiva. A natureza entrega-a ao homem pela paixão que

lhe inspira, e a mulher que não faz do homem seu súbdito, seu escravo, que digo, seu brinquedo, e que não o atraiçoa rindo, é uma louca. (...)

-Não posso deixar de concordar – repliquei. – Nada pode excitar mais que a imagem de uma déspota bela, voluptuosa e cruel, arrogante favorita desapiedada por capricho (A Vénus das Peles, p.65).”

Uma sexualidade parcial

Kernberg (1980) refere que a fim de se apaixonar e permanecer apaixonado, é preciso que duas tarefas evolutivas tenham sido realizadas. Primeiramente, a capacidade para estabelecer uma relação objetal total deve ter sido integrada com uma capacidade anteriormente estabelecida para sentir estímulo sensual nas zonas erógenas. Essencialmente, seria necessário que a dissociação primitiva das autorrepresentações e representações objetais seja superada para que se estabeleçam a identidade do ego e a capacidade para relações objetais totais, em contraste com relações objetais parciais. Secundariamente, o pleno prazer genital pode incorporar o erotismo inicial da superfície corpórea no contexto de uma relação objetal total, incluindo uma identificação sexual complementar, conseguida através da superação dos conflitos edipianos e das respetivas proibições inconscientes contra uma reflexão sexual plena. Inquestionavelmente, verifica-se que na relação estabelecida entre Severin e Wanda, o “apaixonamento” não acontece em concordância com o que acima foi referido.

“Tenho uma curiosa sensação. Parece-me que não estou enamorado de Wanda. Isto não é uma atração de coração que nasça em mim, é uma sujeição física lenta, mas, por isso mesmo, completa” (A Vénus das Peles, p. 32).

Tal confissão é feita por Severin após o primeiro encontro que tivera com Wanda. Sugere, talvez, uma necessidade imediata de um sentimento arrebatador e ao mesmo tempo uma idealização de que tal aconteça no futuro, persistindo, “*quem sabe se lhe vou tomar afeição?*” (A Vénus das Peles, p.32). Conforme o que é referido, a conotação física parece sobressair e servir por si só para direcionar a conduta de Severin perante esta mulher. A completude que é por ele descrita relativamente à sensação corporal coloca a hipótese de um envolvimento parcial na relação. Na teorização do prazer (Lacan, 1958, Miller, 1986, Braunstein, 1990, cit. por Fernandez, 1994), supõe-se que o seu ponto de partida é o corpo, e só o corpo pode ou não ter prazer. O que toma o lugar do desejo, é o desejo do outro, no que toca ao prazer, tal apenas se aprende através do corpo. No masoquismo perverso, é de enorme importância enfatizar a *cena*, cujo ponto principal é o corpo como fetiche, que o permite oferecer-se como objeto (escravo), e conter em seu imaginário a crença de que o outro é a mulher não castrada. O prazer do outro assegura a não castração do seu parceiro, o que sustenta o mecanismo de renegação (Fernández, 1994). Alvim, considera que as perversões se encontram associadas a uma perturbação da imagem corporal, constatáveis em determinadas

formas, incluindo o fetichismo e o masoquismo erógeno. Neste sentido, a formação perversa estaria fora do Eu corporal e funcionava como um objeto parcial (moção parcial) pertencente topicamente à economia e ao dinamismo do Superego, que se encontraria clivado e mal estruturado. Presume-se a presença de uma clivagem entre as funções do ego e as do superego, sendo que este último será tratado como se fosse o Id. Assim, a simbolização não é feita corretamente, permitindo situações onde o desejo se encontra deturpado e, possivelmente, fragmentado.

“- Farei tudo o que quiser, desde que não a perca; essa ideia...

-Verdadeiramente, você é um homem estranho. Quer possuir-me por qualquer preço?

-Sim, por qualquer preço” (A Vénus das Peles, p.37/38).

O perverso procura o prazer onde supõe encontra-lo, no objeto. No masoquismo perverso, esta posição é exacerbada, oferecendo o seu fantasma como objeto de gozo do outro, conseguindo angustiar o outro e conseguindo saber através dessa angústia que o outro o deseja. Desta forma, o objeto da perversão masoquista é o outro, a sua voz soberana, que o fará obter prazer. Para este, o prazer deve assegurar-se através da manipulação do objeto. Assim, a configuração do prazer, exclui toda a manifestação de reciprocidade, sustentando-se na individualidade e solidão, num esforço de fazer coincidir prazer e domínio (Fernández, 1994). A condensação daí resultante provoca uma sensação de poder e liberdade a partir do conflito e, quando contida pela segurança de uma relação objetal amorosa, reassegura contra as consequências temidas do lado agressivo da ambivalência não disponível (à consciência). No relacionamento de um casal, a agressão é expressa nas relações parciais ativadas no jogo sexual e coito, sob a forma de fantasias sádicas e masoquistas, na utilização do parceiro como um objeto e na excitação de assim ser usado (Kernberg O. , Agressão nos transtornos de personalidade e nas perversões, 1995).

“- Falo com toda a seriedade. Adoro-a de tal modo que quero suportar tudo de si, conquanto possa passar a minha vida ao seu lado.

- Severino, advirto-o de novo.

- Inutilmente! Faça de mim o que quiser, mas sem me afastar” (A Vénus das Peles, p.49).

A relação estabelecida com Wanda parece-nos reduzida a uma dependência sem precedentes. A dedicação que Severin declara em seus atos, palavras e atitudes

relativizam, numa perspectiva redutora, a sua posição como indivíduo ou parceiro, consigo mesmo, com Wanda ou com o mundo. A relação que cresce entre os protagonistas, parece caminhar em um único sentido, favorecendo a unidade e colocando no esquecimento a individualidade.

“Vou-me tornando estúpido. Terei aceite este ofício há pouco ou já o exercia? Depois de amanhã termina o mês. Que vai ser de mim?” (A Vénus das Peles, p.91).

Visitando Fromm (1996), percebemos que no relacionamento simbiótico, a pessoa relaciona-se com as outras, mas perde ou nunca alcança a sua independência. Ela evita o perigo da solidão tornando-se parte de outra pessoa, quer sendo absorvida por esta, quer absorvendo-a. A primeira atitude, refere-se à origem do masoquismo. Neste sentido, o masoquismo é a tentativa para livrar-se do seu eu individual, para fugir à liberdade e para procurar segurança vinculando-se a outra pessoa. Por vezes, os anelos masoquistas encontram-se misturados com impulsos sexuais e que causam prazer (perversão masoquista), outras vezes, esses anelos estão em conflito com as partes da personalidade que anseiam por independência e liberdade que são experimentados como penosos e atormentadores. Tal parece assemelhar-se ao que é vivenciado e sentido por Severin.

“Dou rapidamente alguns passos. Depois detenho-me de novo. Ela tem a minha palavra de honra, o meu juramento de escravo, que durará enquanto ela quiser, enquanto não me devolver a liberdade. Nem sequer me posso matar... Voltei outra vez para casa... Agora matar-me-á. Eu não quero matar-me e, todavia, também não quero viver muito mais” (A Vénus das Peles, p.121-122).

Laplanche (1976), postula que a primeira e verdadeira ligação entre destrutividade e excitação sexual ocorre na posição masoquista, no momento em que a agressão sentida pelo objeto de amor é transformada em uma fantasia de autoagressão, envolvendo uma co excitação entre prazer sexual e dor. No entanto, Anna Freud (1922), sublinha que é o amor e não necessariamente a agressão que alimenta a fantasia de espancamento, tratando-se esta de uma representação mascarada de um amor sexual que nunca acabará, expresso numa linguagem anal-sádica.

“ - Flagela-me, rogo-te; é um prazer para mim” (A Vénus das Peles, p.53).

Reich (cit por Lowen, 1982), refere que o masoquista procura sempre o prazer, mas invariavelmente, caminha para a frustração. A satisfação sexual é condicionada pela humilhação e violência física e, por isso, Severin exige que Wanda o trate cruelmente. Em Severin, a fantasia sexual é dinamizada por uma mulher que age de

forma ritualista, vestindo peles sempre que é cruel para com o seu escravo, acompanhada de um chicote e punindo-o com o mesmo, com um belo sorriso. Trata-se de um cenário em que se incluem uma pessoa e um objeto. Neste sentido, o ato sexual, ritualizado, não passa de uma montagem estereotipada em que o parceiro atua como um protetor contra a depressão e a perda da identidade. Neste sentido, a fantasia atuada é altamente especializada e diz respeito a seu complexo particular ligado ao terror da cena primitiva, dificilmente passível de elaboração. Assim, seu universo fantasmático e onírico é extremamente pobre. Embora o perverso pareça habitar um mundo pleno de fantasias exuberantes, sua análise vai mostrando o quanto estereotipadas e repetitivas elas são (McDougall, 1992).

“Todo o meu corpo estremeceu. O látigo entrava na minha carne como a folha de uma faca.

-Ah! Agrada-te? – exclamou ela. – Espera, espera, vou fazer-te uivar como um cão – acrescentou ameaçadora, voltando a golpear-me” (A Vénus das Peles, p.90).

Félix Guattari (cit. por Sigler, 2011) refere que o masoquista, como toda gente, procura prazer mas apenas o conquista através da dor e da fantasia de humilhação. Lacan (cit. por Sigler, 2011) acrescenta que a dor em nada está relacionada, acreditando que esta enquanto muito será a máscara que assegurará aquilo que realmente está envolvido na perversão seja ocultado. Para o próprio Sigler (2011), o masoquismo é um evento que separa os sujeitos apesar da aliança que proporciona. O tópico sexual é significativo enquanto provocar ação em Wanda e na sua indiferença.

Kernberg (1995) postula que o masoquista apresenta uma paixão tão patológica que manifesta um sentimento de gratidão e plenitude narcisista pela sua escravidão frente a um objeto inalcançável, passando a orgulhar-se inquestionavelmente da imagem de ser o maior sofredor do mundo, dinamicamente relacionada com a gratificação narcisista de ser “o maior dos pecadores” ou “a maior das vítimas”.

“Que delícia estar em escravidão!” (A Vénus das Peles, p.54).

O terceiro. O Grego. A sabotagem

“Indubitavelmente, é um homem formoso, mais ainda, um homem como nunca vi outro. Parece um Beldever de mármore, tem os mesmos músculos suaves, mas de aço, o mesmo cabelo encrespado, mas o que lhe dá uma beleza característica é que não tem bigode nem barba. Se tivesse as ancas mais largas, tomar-se-lo-ia por uma mulher disfarçada. A boca é inteiramente feminina, com lábios de leão que deixam entrever os dentes, dando, por vezes, ao seu rosto uma expressão cruel. É Apolo esfolando vivo o sátiro Marsyas” (A Vénus das Peles, p. 112).

A anterior descrição é feita pelo próprio Severin, aquando de uma conversa com Wanda sobre a primeira vez que avistara Alex Papadopolis. É curioso notar como Severin exacerba as qualidades mais femininas do jovem desconhecido. Poderia compreender-se tal fenómeno como uma forma de recusa do seu poder fálico, uma defesa para não se sentir inferior relativamente à sua masculinidade e, desta forma, defendendo-se antecipadamente da rivalidade que este poderia vir a trazer. Mais tarde, ele acaba por revelar, *“um sentimento de vingança, de ciúmes, de inveja da sua poderosa virilidade invade-me a alma” (A Vénus das Peles, p.115).*

Neste seguimento, Wanda pede a seu escravo que procure informações sobre o misterioso homem. As descobertas de Severin revelaram que se trata de um jovem homem grego, que estudara em Paris, ateu, um bravo e cruel combatente, solteiro, muito rico e residente em Florença.

“A dor possui para mim um encanto estranho, e que nada acende mais a minha paixão do que a tirania, a crueldade, e sobretudo a infidelidade de uma mulher formosa” (A Vénus das Peles, p.45).

No final do conto, Alex Papadopolis, o grego, assume o castigo a que Severin se havia proposto, enquanto Wanda sai de cena. Alex parece assumir o seu papel severamente, Sacher-Masoch enfatiza a sua cruel disposição, a sua musculatura, a sua força e insensibilidade. No entanto, a verdade é que a punição vinda deste terceiro não induz prazer a Severin, sentindo este último apenas repugnância e desgosto.

“É impossível descrever os sentimentos que experimenta um homem maltratado por um rival feliz ante a mulher que adora. Sentia-me morrer de vergonha e desespero” (A Vénus das Peles, p.133).

Não seria suposto que Severin sentisse a punição pelo seu triunfante rival como uma verdadeira satisfação masoquista? Tal como haveria sugerido anteriormente?

“É verdade, a infidelidade da amada possui um encanto doloroso, é a mais alta voluptuosidade” (A Vénus das Peles, p.60).

Smirnoff (1988) revela que tal situação não acontece uma vez que a dor, por si só, não pode ser considerada como suficiente. Alex Papadopolis é na, verdade, um verdadeiro sádico, um agressor genuíno que não necessitou ser conduzido para esse papel, ou seja, não satisfaz o masoquista sendo que não faz parte do contrato. Posteriormente, Severin declara que terá sido curado por excesso de tortura, o que segundo Smirnoff (1988) é considerado como um absurdo.

“-Vais ver como o domo – exclamou o grego” (*A Vénus das Peles*, p.133).

Freud (1915/2004) introduz, no masoquismo, um terceiro tempo no qual a satisfação ocorreria ainda pela via do sadismo original, nesse caso, o Eu passivo se transporta fantásticamente a seu lugar anterior, o qual havia sido deixado ao encargo de outro, sujeito que agora o ocupa. Ou seja, a fantasia sádica é realizada, o circuito pulsional fecha-se, mas quem ocupa a volta de fechamento desse circuito é um outro, um sujeito indeterminado. Este quadro poderá ser o fundo da intenção de Severin em incluir um terceiro. Possivelmente, poder-se-á pensar portanto, que o protagonista procura um duplo que realiza os seus sentimentos primários e sádicos, não sendo ele próprio capaz de consentir estes últimos em si, ou nutre incapacidade de os expressar. O círculo é completo pois Severin liberta-se de algo que não é capaz de assumir, encontrando satisfação através de um outro que o complementa. Sendo este um fim não para o prazer masoquista consciente mas para algo que o ultrapassa, algo associado a um Superego inconsciente que se encarrega de levar o sujeito masoquista à sabotagem.

Grunberger (1956/1995) faz a distinção entre um homicídio do pai, perante o complexo de Édipo, e a castração pré-genital. Neste sentido, revela que a posse relativa ao pénis é possível, no que diz respeito à negação do complexo de castração, mas não a destruição do pai. Desta forma, identificamos que na história de Severin, a colocação do falo na mulher foi *arcaicamente* possível, mas aquando da introdução do terceiro, este fenómeno verificou-se como um fracasso, uma vez que na aparição de um homem agressivo, ativo e punitivo, o prazer masoquista dissipou-se.

Assim, declaramos este último ato como uma falha na defesa masoquista, manipulada pelo Ego, que o protegia da confrontação com a realidade externa, projetando o bom que era viver na sua fantasia. Na realidade, quem verdadeiramente controla o masoquista é o seu Superego primitivo, sádico e intransigente, que o levou a perder o controlo da *atuação masoquista*, introduzindo uma autoridade externa,

trespassando os limites do contrato estipulado e corrompendo a aliança perversa e simbiótica, com o seu objeto idealizado e não-castrado. Este culminar da sabotagem masoquista e a da sua atitude autoderrotista, na busca do seu prazer e idealização extrema de uma situação por ele fantasiada, trouxe o terceiro para a relação dual, a confrontação com um Complexo de Édipo nunca ultrapassado e sempre negado, pelo Ego.

Conclusões

Nesta última parte do trabalho, consideramos como de alta relevância fazer uma síntese global do pensamento até aqui exposto. Colocando algumas ideias e hipóteses gerais relativamente ao que foi feito. Assim, pretendemos abordar sumariamente o que de conclusivo é possível retirar das realidades e, também, fantasias analisadas e sentidas.

Durante o caminho percorrido nesta jornada, pretendemos articular a vida de Sacher-Masoch a algumas das teorias existentes relativamente à perversão e ao masoquismo. Com vista neste objetivo, deparamo-nos com conteúdos temáticos e experiências diversas que ultrapassaram o estimado, como um enredo sem fim, uma história que, dificilmente, se encontra terminada. Muitas considerações poderiam ser pensadas e elaboradas partindo daquilo que encontramos, assumindo que várias questões continuam vivas e à procura de sentido. De enorme importância, se revela o fato de que o prisma do nosso trabalho teve o seu foco ocular da perspectiva psicanalítica e, desta forma, assumimos que outras visões poderiam fazer surgir outros escritos, outras deambulações. No entanto, a questão que se impõe, referente à possibilidade de estabelecer pontos comuns entre o funcionamento perverso, particularmente masoquista, e a vida e obra de Leopold Sacher-Masoch, parece ter-se revelado como concordante.

Com a obra *A Vénus das Peles* (1870), o autor parece ter procurado através de Severin, expelir o excesso de força pulsional, através da sua escrita e da empatia criada com os leitores da mesma. A construção simbólica do seu mundo interno, terá possivelmente proporcionado um equilíbrio psíquico, suavizando a força das pulsões subjacentes e obtendo satisfação por meio da fantasia.

Freud (1905/1972), referira que a perversão, brevemente, seria a manutenção da sexualidade infantil perversa-polimorfa na vida adulta. Na infância de Severin, verificamos existirem indícios de que a relação que estabeleceu com a sua mãe condicionou, de forma perturbada, a sua vida relacional, essencialmente no que se refere à forma como se desenvolveu sexualmente e como indivíduo na sua plenitude com o outro. Vários aspetos foram encontrados neste sentido, *A Vénus das Peles* (1870) ilustra, na sua forma singular, o desejo do sujeito masoquista de ser colocado na posição passiva e de ser punido, vulnerável tal como uma criança.

Enquanto criança, o protagonista parecer ter sofrido, essencialmente, frustrações orais, estas impediram o desenvolvimento de um narcisismo sólido. Esta conjectura deu-nos espaço para pensar que talvez o sujeito masoquista e, particularmente, Severin e/ou Sacher-Masoch, tenham em si núcleos de imaturidade que indicam um desenvolvimento pouco maduro do seu self. Na insuficiência precoce de valorização narcísica, surge a valorização daquilo que existe, mesmo que seja algo destrutivo. Sobre a relação com a mãe em si, pouco é descrito por Severin mas uma vez que a idealização do feminino que faz é realizada através de uma estátua, talvez possamos assumir que fosse pouco nutritiva para o protagonista. Neste sentido, parece ter criado uma relação fantasiada e, portanto, pouco real com a imagem feminina.

Para além da idealização que descrevemos, associa-se o encontro que relata com a sua tia, momento em que, acreditamos, ter cristalizado, perversamente, a sua sexualidade, visível no modo como se relacionara com Wanda. Consideramos que estamos perante uma forma clivada de relação com o objeto, ou seja, num ponto, existe uma idealização suprema de uma figura considerada como uma deusa e possuidora da salvação e, num outro ponto, uma figura considerada como fria e cruel. A referida tia, parece ter exacerbado esta parte mais sádica, na medida em que o punia fisicamente. Ora, perante o sofrimento relacionado com a solidão, Severin ter-se-á fixado a esta manifestação cruel, mas que apesar de tal agressividade implicou um envolvimento libidinal e uma aproximação com o sexo oposto.

Consideramos que a escassez de validação narcísica em conjunto com a onnipotência do feminino levou a uma dificuldade no desenvolvimento e na expressão da masculinidade e, partindo disto, verificamos uma ligação com a atribuição da potência fálica à mulher, demonstrada pela sua força e, particularmente, pelas peles e chicote, atributos que substituem, fisicamente, o falo. Neste sentido, sem força, Severin permanece como submisso.

Concordamos que, neste seguimento, a sede de poder e de afeto, dada a incompletude do sujeito masoquista, permitiram desenvolver meios para os conquistar, embora que parcialmente, a manipulação é um destes meios. Verificamos que na relação e, particularmente, no contrato persiste superiormente uma vontade de realização do mesmo por parte do masoquista, é desta forma que este adquire o controlo sobre o outro e, estrategicamente, o evitamento da separação. Reconhecemos que estas indicações se

evidenciam como muito particulares no funcionamento perverso. Em breves linhas, diríamos que a insuficiência sentida e agida perante o self perverso se exprime, sobretudo, através da relação teatral que realiza com o outro, utilizando o objeto para colmatar a falha em si mesmo.

No final, verificamos que a fantasia interna criada por Severin concluiu-se como insuficiente, com a confrontação com a realidade externa, neste caso, com o aparecimento de um terceiro que destrói a idealização de uma relação dual. Desta forma, a realidade enalteceu as fraquezas de funcionamento perturbado e, essencialmente, aliado à ilusão.

Como nota final, evidenciamos a relevância que este trabalho demonstrou, na medida em que permitiu conjugar os cenários propostos no que se refere à psicanálise, criação artística, à patologia e, principalmente, à vida e obra de Sacher-Masoch.

Referências

- Alvim, F. (1983). Perversão sexual, imagem do corpo e constituição do superego. *Análise Psicológica*, 441-444.
- Amati-Mehler. (1997). Algumas considerações sobre a criatividade. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 611-632.
- Andrade. (1997). Criatividade, cultura e estrutura psíquica. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 581-601.
- Andrade, F. C. (2011). A metapsicologia do masoquismo em Freud e Laplanche. *Estudos de Psicanálise*, 55-68.
- Beating fantasies and day dreams. (1922). *International Journal of Psychoanalysis*, 89-109.
- Capellá, A. (2003). *Sexualidades humanas, amor e loucura*. Lisboa: Climepsi.
- Chasseguet-Smirgel, J. (2005). *Sexuality and Mind*. Londres: Karnac.
- Cooper, A. M. (1988). The Narcissistic-Masochistic Character. Em R. Glick, & D. Meyers, *Masochism: Current Psychoanalytic Perspectives* (pp. 117-138). New Jersey: The analytic press.
- D'Agord, M. L., Triska, V. H., Araldi, E., & Sudbrack, R. P. (2010). Psicanálise, Psicopatologia e Literatura: Modos de uso da fantasia. *Tempo Psicanalítico*, 313-332.
- Delgado, L. (2011). *T.A.T e Criatividade: Estudo psicodinâmico*. Lisboa: ISPA.
- Delgado, L. (2012). *Psicanálise e Criatividade*. Lisboa: ISPA.
- Fernández, I. (1994). *Las Perversiones en la práctica psicanalítica*. Caracas: Editorial Psicoanalítica.
- Ferraz, F. (2000). *Perversão*. São Paulo: Casapsi Livraria.
- Ferraz, P. (2009). *Ensaio em Psicanálise e Literatura*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grand do Sul.
- Flabpohler, S. (2014). Sacher-Masoch et L'Invention du Masochisme. *Philosophie Magazine*, 79-83.
- Fonseca, M. L. (Setembro de 2013). Literatura e Psicanálise: Algumas associações.
- Freud. (1969). *A interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud. (1972). *Três ensaios sobre a sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago .
- Freud. (1980). *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud. (1996). *Além do Princípio do Prazer: Psicologia de Grupo e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago .
- Fromm, E. (1966). *Análise do Homem*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

- Fromm, E. (1966). *Análise do Homem*. Rio e Janeiro: Zahar.
- Gheerbrant, J. C. (1982). *Dicionário dos Símbolos*. Lisboa: Teorema.
- Grunberger, B. (1995). Psychodynamic Theory of Masochism. Em M. A. Hanly, *Essential Papers on Masochism* (pp. 196-213). New York : New York University Press.
- Hanly, M. (1995). *Essencial Papers on Masochism*. New York: New York university.
- Horney, K. (1935). The Problem of feminine masochism. *Psychoanalytic Review*.
- Jaccard, R. (2014). La Vénus à la fourrure. *Philosophie Magazine*, 1-15.
- Kernberg. (1995). *Agressão nos Transtornos de Personalidade e nas Perversões*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Kernberg, O. (1995). *Love Relations: Normality and Pathology*. New Haven and London: Yale university press.
- Klein, M. (1937). *Amor, culpa e reparação*. Rio de Janeiro: Imago.
- Kohut, H. (1979). The two analyses of Mr Z. *The International Journal of Psycho-Analysis*, 3-27.
- Kraft-Ebing, R. v. (1990). *Psychopathia Sexualis*. Paris: Climats.
- Laplanche. (1993). *A revolução copernicana inacabada*. São Paulo: SEDES.
- Lowen, A. (1982). *Bioenergética*. São Paulo: Summus.
- Machado, C. F. (Junho de 2012). Afinal, quem foi Sacher-Masoch? *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, pp. 419-434.
- Mancia. (1999). *Sobre a criatividade humana e as origens do pensamento. No olhar de Narciso*. Lisboa: Escher.
- Mandil, R. (2005). *Literatura e Psicanálise: Modos de aproximação*. Aletria.
- Marta D'Agord, V. T. (2010). Psicanálise, Psicopatologia e Literatura: Modos de uso da fantasia. *Tempo Psicanalítico*, 313-332.
- Marta Regina de Leão D'Agord, V. H. (2010). Psicanálise, Psicopatologia e Literatura: Modos de uso da fantasia. *Tempo Psicanalítico*, 313-332.
- Martins. (1996). Psicanálise e Criatividade. *Revista de psicanálise*, 10-12.
- Matos, A. C. (1983). Textos sobre Narcisismo, Depressão e Masoquismo . Em A. C. Matos, *Escritos 11* (pp. 159-179). Lisboa: Sedoxil.
- Matos, A. C. (1984). Escritos 11. Em A. C. Matos, *Escritos 11* (pp. 193-198). Lisboa : Sedoxil.
- Matos, A. C. (2002). *O Desespero*. Lisboa: Climepsi.
- McDougall. (1989). *Em defesa de uma certa normalidade: teoria e clínica*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- McDougall. (1992). *Teatros do Eu*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- McWilliams, N. (2005). *Diagnóstico Psicanalítico*. Lisboa: Climepsi.

- Menaker, E. (1953). Masochism - A defense reaction of the Ego. *Psychoanalytic Quarterly*.
- Michel. (1992). *Biografia de Sacher-Masoch*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Novick, N. e. (1987). The essence of masochism. . *Psychoanalytic study child*, 353-380.
- Pinto, N. R. (2006). *As notas da perversão: Abordagem psicanalítica à obra A Pianista, de Elfiede Jelinek*. Lisboa: ISPA.
- Pontalis, J. B. (1999). *Entre o sonho e a dor*. Fenda.
- Pontalis, L. &. (1985). *Vocabulário da Psicanálise*. Lisboa: Moraes.
- Pontalis, L. e. (1985). *Vocabulário de Psicanálise*. Lisboa: Moraes editores.
- Pontalis, L. e. (1992). *Dicionário de Psicanálise*. São Paulo: Martins e Fontes.
- Reich, W. (1979). *Análise de Carácter*. Lisboa: Dom Quixote.
- Sacher-Masoch, L. (2013). *A Vénus das Peles*. Vila do Conde: Verso da História.
- Segal, H. (1975). *Introdução á obra de Melanie Klein*. Rio de Janeiro: Imago.
- Shainess, N. (1997). Masochism Revisited: Reflections on Masochism and its Childhood Antecedents. *American Journal of Psychotherapy*, 552-568.
- Sigler, D. (2011). "Read Sacher-Masoch": The literariness of masochism in the philosophy of Jacques . *Criticism*, 189-212.
- Sousa, D. F. (2011). Para além do seio: Uma proposta de intervenção psicanalítica pais-bebê a partir de dificuldades de amamentação. *Jornal de Psicanálise*.
- Stoller, R. (1993). *Masculinidade e Feminilidade*. Porto: Artes Médicas.
- Stoller, R. J. (1986). *Dynamics of erotic life*. Londres: Maresfield Library.
- Tosta, F. (2011). Atitude masoquista: Um estudo de caso pela análise do carácter. *Jornada Interstadual de Psicoterapias Corporais*. Anais: Centro Reichiano.